



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação Física

AUTOR: JOSÉ EDSON DE MENEZES JÚNIOR

ETNOGRAFIA DAS BRINCADEIRAS DE LUTA NO COTIDIANO ESCOLAR

BRASÍLIA

2018

JOSÉ EDSON DE MENEZES JÚNIOR

ETNOGRAFIA DAS BRINCADEIRAS DE LUTA NO COTIDIANO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final da disciplina Apresentação TCC, submetida à banca de avaliação pré-definida na Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, para obtenção da habilitação de licenciado em Educação Física.

Orientador: Alexandre Jackson Chan Vianna

Brasília, ____ de _____ de 2018

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação Física – FEF

JOSÉ EDSON DE MENEZES JÚNIOR

ETNOGRAFIA DAS BRINCADEIRAS DE LUTA NO COTIDIANO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Jackson Chan Vianna

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Jackson Chan Vianna – Orientador

FEF/UnB

Prof. Dr. Luiz Renato Vieira – Membro Interno

FEF/UnB

Prof. Dr. Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende – Suplente

FEF/UnB

Brasília, _____ de _____ de 2018

AGRADECIMENTOS

A Deus por toda a força que o Senhor me deu durante a graduação para fazer valer à pena todos os dias aquele que foi meu primeiro sonho realizado, estudar na UnB e ter a possibilidade de me tornar um professor, um bom professor.

À minha Mãe, Maria com “M” maiúsculo, de Mulher Negra que batalha bravamente por mim desde muito novo, levantando-se às 2h da manhã para vender bolos em uma parada de ônibus, provendo o amor e também o alimento para eu e minha irmã. Maior exemplo de idoneidade e persistência que tive em minha vida. Você foi minha motivação diária durante estes 3 anos e 7 meses, quando acordava e eu estava ainda nos estudos, cansado mas motivado por você, expresso aqui, com lágrimas nos olhos, todo o meu amor.

Ao meu Pai e família por todo o apoio prestado durante o período em que eu estive na Universidade de Brasília.

Aos meus amigos que desde muito cedo apoiaram meus sonhos, tomando meu esforço como precedente para seguirem suas vidas. Em especial: Izael Gomes, Marcos André, Vladimir e John Maicon.

À minha melhor amiga, Anielly Luiza, que nos últimos dois anos constituiu-se numa pessoa importantíssima para que eu prosseguisse com garra na jornada que me foi proposta.

A Universidade de Brasília, por oferecer-me o melhor da educação, fazendo me tornar um eterno apaixonado por ela, por seu corpo docente e amigos que aqui fiz e pretendo levar para a vida.

A todos que desejam coisas boas a minha pessoa e aqueles que amo verdadeiramente.

Por último, mas não menos importante ao meu orientador, Alexandre Jackson, pessoa a qual ensinou-me valores importantes, por mais que não propositais, para seguir ‘*sempre em frente!*’

“Quem planeja a curto prazo deve cultivar grãos; a médio prazo deve plantar árvores; a longo prazo, educar homens”

(Kwantsu) – 2500 A.C

RESUMO

A ideia central deste estudo é compreender as brincadeiras de luta enquanto elemento da cultura escolar e infância. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é descrever e analisar episódios de brincadeiras que possuam manifestação de luta em ambiente escolar, para melhor definir e classificar estas práticas. Trata-se de um estudo exploratório de caráter etnográfico realizado em uma escola que atende aos anos iniciais do Ensino Fundamental de Brasília-DF. Utilizamos como método, a observação participante para compreensão do cotidiano escolar e como instrumento o diário de campo pelo período de 1 ano, fazendo o angariamento de episódios brincantes e diálogos informais. Os episódios foram coletados em momentos tidos pelos alunos como livres: PIBID, recreio e momentos de pátio. Posteriormente sendo feita análise interpretativa. O presente estudo, frente à popularidade das práticas de brincadeiras de luta, traz à tona a necessidade da comunidade escolar, sobretudo dirigentes de escola enxergarem as brincadeiras de luta em sua complexidade e não as reduzirem a um conflito a ser expurgado da escola. O estudo demonstrou a possibilidade de categorizar as práticas observadas em: “Lutinha” de Fato, “Lutinha” Simbólica, Briga e Brincadeira de Luta que Culmina em Briga. Concluímos que: 1) Não são claros para a comunidade escolar, limites que definam um ato como brincadeira de luta ou expressão violenta. 2) Não mostra-se legítima a marginalização das brincadeiras de luta em ambiente escolar. 3) As brigas na escola não serão extintas, é necessário apropriação por toda a comunidade escolar no que tange à diferenciação e compreensão dos malefícios causados pela violência. 4) Os tempos e lugares em que as práticas infantis mais ocorrem merecem olhar sistematizado, sem que existam imposições sobre este espaço.

Palavras-chave: escola, brincadeira, luta, briga, violência, agressividade.

ABSTRACT

The main idea of this study is to understand the fighting games as part of the school culture and childhood. Based on that, the goal is to describe and analyse fighting games while children play at school, in order to classify these games. This is an exploratory and ethnographic study accomplished at an elementary school of Brasilia, Federal District. The method utilized was the participative observation for the comprehension of the daily activities at school, the field journal was the instrument, and for a year, playtimes, players and informal dialogues were collected. Playtimes were observed while the student had their "free moment": PIBID, break in between classes and yard time. The interpretative analysis was done. This study, based on the popularity of fighting games, raises the necessity of the school community, mainly school directors, to see the fighting games in its complexity and not to reduce it as a conflict to be excluded from school. The study has shown the possibility to classify the practices observed as: "Fighting Games", "Symbolic Fighting Games", "Real Fights" and "Fighting Games that result in real fights". The result was: 1) it is not clear to the school community, limits that define a practice as fighting games or violent expression. 2) the marginalization of fighting games at the school environment has not shown legitimacy. 3) fights at school will not be extinguished, it is necessary the appropriation by all school community regarding the comprehension of the issues caused by violence. 4) The times and places where the children's practices occur the most deserve a systematic review, excluding impositions upon these spaces.

Keywords: school, games, fight, combat, violence, aggressivity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais
- PIBID - Projeto institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
- DF - Distrito Federal
- LF - Lutinha de fato
- LS - Lutinha Simbólica
- BR - Briga
- BCB - Brincadeira de luta que culmina em briga

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO:	10
2 METODOLOGIA:.....	13
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO:.....	15
3.1 A necessidade de se categorizar	15
3.2 Entrando em combate: reflexões sobre as categorias	19
3.3 Intervenções da comunidade escolar e o ringue das relações de poder.....	27
3.4 Violência <i>versus</i> Agressividade.....	28
3.5 Terminando o <i>Round</i> , buscando a “finalização”	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	32
ANEXOS	34
ANEXO A – CONHECENDO UM POUCO MAIS SOBRE A ESCOLA.....	35
ANEXO B – TRECHOS IMPORTANTES DO DIÁRIO DE CAMPO	38

1 INTRODUÇÃO:

A ideia central deste estudo é abordar as brincadeiras de luta enquanto elemento da cultura escolar e sociabilidade da criança. Nesse sentido, é de comum saber que durante toda a infância as crianças fazem valer ao máximo uma das principais características dessa fase da vida, o brincar. A infância é um período de grandes descobertas para aquele que a vivencia em sua completude, bem como a manutenção do lúdico constitui-se em importante elemento na construção de espaços sociáveis na vida da criança que brinca. Por isso desde muito cedo, pessoas das mais variadas culturas e classes sociais parecem compreender a importância e o potencial saudável que a brincadeira proporciona aos pequenos, seja em momentos de lazer, no recreio da escola ou fins de semana em família.

Ao observar parques, gramados, subúrbios e escolas de qualquer localidade é corriqueiro ver crianças correndo, pulando, arremessando, chutando e rodopiando, brincadeiras típicas de seu cotidiano, tornando-se consensual a ideia de que a brincadeira compõe grande parte do repertório motor da criança, sendo um importante meio de expressão da cultura lúdica infantil. As crianças, tais quais essas brincadeiras, se afirmam e renovam-se a cada momento, mas não deixam de levar em seu cerne características marcantes e bem definidas, conhecidas por todos, conforme expõe Craidy e Kaercher (2001):

[...] A criança expressa-se pelo ato lúdico e é através desse ato que a infância carrega consigo as brincadeiras. Elas perpetuam e renovam a cultura infantil, desenvolvendo formas de convivência social, modificando-se e recebendo novos conteúdos, a fim de se renovar a cada geração. É pelo brincar e repetir a brincadeira que a criança saboreia a vitória da aquisição de um novo saber fazer, incorporando-o a cada novo brincar (2001, p.103).

Dentre as diversas brincadeiras que permeiam a ludicidade infantil, que segundo Huizinga (1999, p.87) “é uma necessidade inata e uma opção séria na vida de toda criança”, estão as de luta. Estas brincadeiras tem por agentes e características, basicamente crianças que em atitude de enfrentamento numa perspectiva de confrontar um colega, ou um grupo de colegas, assumem personagens, se socam, fazem onomatopeias, projetam seus corpos ao solo ou executam gestos alusivos às lutas e artes marciais, muitas vezes indo de encontro corporal abrupto com o colega. Porém, sem ter como objetivo o sofrimento alheio.

Essas brincadeiras que acontecem na vida cotidiana das crianças conseqüentemente são levadas para dentro da escola.

Conforme Barbosa, Martins e Mello (2017), na maioria das vezes essas práticas são realizadas distante do olhar dos responsáveis pela organização das escolas, numa atitude de transgressão advinda dos pequenos em subverter uma regra postulada pelos adultos. O caráter transgressor atribuído pelas crianças às práticas de brincadeiras de luta está ligado à percepção reduzida que os atores sociais da escola atribuem a essas práticas. Tais brincadeiras não possuem uma boa recepção dos principais atores sociais da escola quando comparadas a outras que também possuem essa característica “violenta”, mesmo que em uma escala ainda maior. Além disso, segundo Candreva *et al.*, (2009) a restrição destas práticas em ambiente escolar acontece tendo como justificativa principal, um possível aumento da violência entre escolares. Nesse sentido, brincadeiras de luta compõem muito da cultura infantil, no entanto são marginalizadas e comumente tolhidas em ambiente escolar.

Essa temática das brincadeiras de luta no cotidiano escolar, apesar de pouco estudada, possui contribuições teóricas relevantes de autores. Contudo, a maioria versa sobre violência em ambiente escolar, agressividade e alguns acerca da prática brincante escolar. Mas pouco se fala sobre a interpretação dessas práticas para quem as está executando.

Isso se confirma em Farias, Wiggers e Almeida (2015), que realizaram pesquisa de revisão bibliográfica buscando identificar assuntos voltados a brincadeiras de lutas e cotidiano escolar em 8 das principais revistas da educação física nacional. O período utilizado na pesquisa foi o compreendido entre 2004 e 2013, e identificou 12 artigos relacionados a esse tema. Dentre os artigos, percebeu-se duas temáticas interessantes para a contextualização da prática infantil. Parte dos artigos se valia da interpretação das brincadeiras de lutas no que os autores chamaram de manifestação da cultura lúdica infantil, ao passo que a outra parte dos artigos as interpretavam sob a ótica da violência/agressividade. Percebe-se então, que em ambas visões havia o interesse infantil pela prática das brincadeiras de luta, mas nenhuma ótica levou em consideração os significados dessas práticas para as crianças que lançavam mão das mesmas em seu cotidiano.

Mais recentemente Barbosa, Martins e Mello (2017) ainda versando sobre o que diz a literatura das brincadeiras de luta, objetivaram compreender os

significados destas práticas para estudantes. Denominando-as como “Brincadeiras Lúdico-agressivas” e conceituando-as como brincadeiras “[...] caracterizadas por alguma contenda ou confronto de natureza simbólica e corporal” (BARBOSA; MARTINS; MELLO, 2017, p.2). Em sua pesquisa, utilizando-se de método etnográfico, os autores analisaram episódios de brincadeiras Lúdico-agressivas em uma escola de educação infantil. Na análise foram utilizadas três categorias: contexto social, mídia e movimentos turbulentos, posteriormente utilizando episódios do diário de campo apresentando-os de acordo com as categorias supracitadas. As reflexões conclusivas do estudo sugerem que as chamadas brincadeiras Lúdico-agressivas devam receber um olhar positivo na cultura infantil e escolar, pois constituem-se em “[...] elemento socializador, autoral e de manifestação da expressividade infantil que se faz presente na cultura de pares das crianças” (BARBOSA; MARTINS; MELLO, 2017, p.1).

Embora Barbosa, Martins e Mello (2017) tenham feito um grande esforço rumo a uma legitimação dessas brincadeiras para quem as pratica em ambiente escolar, propondo uma visualização favorável das brincadeiras lúdico-agressivas enquanto elemento socializador, autoral e de manifestação da expressividade infantil, deixou-se uma lacuna acerca da distinção entre as brincadeiras de luta e um ato violento que mereça realmente o repúdio da comunidade escolar. Distinção a qual poderia auxiliar os dirigentes e professores de escolas a perceber o potencial pedagógico ou violento de uma prática, podendo escolher a forma de intervenção pedagógica apropriada. Com isso, contribuindo para repostas de perguntas que a literatura aparentemente ainda não conseguiu responder, como: Quais elementos podem definir um episódio de brincadeira de luta como uma ação lúdica ou violenta para a comunidade escolar? A reflexão sobre essas práticas conduz a avanços pertinentes à comunidade escolar e infância?

No intuito de responder a estas questões, o objetivo deste estudo é descrever e analisar episódios de brincadeiras que possuam manifestação de luta em ambiente escolar, para definir e classificar essas práticas. Buscando com isso, contribuir para um avanço do tema “brincadeiras lúdico-agressivas”, frente à escassa literatura deste tema. Dessa forma, adentramos ao ambiente escolar utilizando métodos e instrumentos que pudessem nos auxiliar na melhor resposta para nossas inquietações.

2 METODOLOGIA:

A partir do exposto, observamos numa escola que atende aos anos iniciais do Ensino Fundamental em Brasília/DF, episódios recorrentes de “brincadeiras de lutinha” - nome dado pelos próprios estudantes às práticas que fazem basicamente alusão às lutas e artes marciais. As observações iniciais foram feitas em momentos tidos como livres pelos estudantes, tais quais: recreio, idas ao banheiro, momentos de pátio, passeios e PIBID – momento semanal em que as crianças da escola tinham atividades dirigidas por professores de educação física em formação. A percepção inicial que obtivemos dos estudantes foi dividida, entre brincar de lutar ser parcialmente permitido na escola, apesar da repressão de algumas professoras e de constantes recomendações da diretora contrárias à prática, e ser uma prática terminantemente proibida. Percebemos ainda, que para eles, a brincadeira que faziam distinguia-se do que as professoras denominavam briga.

Para ir mais fundo, adentramos ao ambiente escolar com o objetivo de realizar uma pesquisa de caráter etnográfico, utilizando como método a observação participante. Na visão de Geertz (2008, p.04) em um livro que tem por objetivo compreender as interpretações da cultura, o autor caracteriza a etnografia como um processo construtivo de “[...] estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante.” Trazendo ainda a necessidade de se fazer uma descrição densa, a qual consiste na habilidade do pesquisador perceber as múltiplas facetas do ambiente em que está pesquisando, sempre atento aos pormenores do cotidiano, neste caso, a dinâmica escolar. Segundo Anguera (1985), a observação participante traduz-se numa técnica de investigação social, na qual o pesquisador vivencia e participa, à medida que lhe for permitido, de ocasiões, atividades, tensões, interesses e particularidades de um determinado grupo de pessoas. Neste tipo de pesquisa o pesquisador não somente observa mas também tem que se apropriar de técnicas de entrevista com variados graus de formalidade, de modo a imergir na cultura que se apresenta e compõe o grupo investigado.

Nos inserimos na escola pelo período de 1 ano, porém realizando observações e anotações sistematizadas somente nos últimos 4 meses, registrando a dinâmica escolar e episódios brincantes que envolvessem lutas ou fizessem alusão a elas em um diário de campo, sendo este nosso principal instrumento de

pesquisa. Conforme Valladares (2007) o diário de campo (*Field Notes*) é um importante instrumento a ser utilizado, por oferecer ao pesquisador o desenvolvimento de uma auto disciplina nas observações, anotações e reflexões de sua pesquisa. Constituindo-se num importante instrumento de análise posterga do que foi coletado, propiciando o resgate do máximo de informações possíveis da população estudada. Nesse sentido, as observações do cotidiano escolar e episódios brincantes em diário de campo, foram realizadas 2 vezes por semana, terça feira (pela tarde) e quarta feira (pela manhã) por um período de 5 horas cada. A escolha dos turnos diferentes nos dias de pesquisa de campo, deveu-se ao fato de poder investigar mais a fundo o cotidiano escolar, seja dos estudantes do turno matutino, seja daqueles do turno vespertino.

A escola observada atende estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, adotando o modelo de ciclos ao invés de seriação. O primeiro ciclo correspondia aos estudantes de 1º, 2º e 3º ano (idade de 6 a 8 anos), já o segundo ciclo correspondia a alunos de 4º e 5º (idade de 9 a 13 anos) ano. A escola possui ótima estrutura, composta por dois blocos de salas paralelos, separados apenas por bancos e jardins, pátio amplo e área externa às salas com *playground*, horta, e um certo espaço em concreto. Externo à escola há um espaço com grama utilizado pelos estudantes, um parquinho e um pequenino campo de futebol. As observações foram feitas em todos os espaços supracitados, pois constituíam-se nos locais mais frequentados pelos estudantes em momentos considerados livres. Os estudantes que tiveram suas práticas observadas, possuíam de 6 a 13 anos de idade e apresentavam assiduidade na escola. Inicialmente não houve uma predileção dos episódios de “brincadeira de lutinha” em detrimento das outras práticas brincantes, no entanto, com o passar do tempo, sobretudo nos 4 meses citados, percebemos locais e tempos específicos em que as práticas mais aconteciam, fazendo com que nós tivéssemos um enfoque sobre os episódios de brincadeira de luta bem como os locais de acontecimentos, objetivando cada vez mais conhecer as peculiaridades do grupo e da prática em si. Percebendo diferenças entre as práticas coletadas, decidimos caracterizá-las e classificá-las, assim como versa Ruiz (1996, p. 50) acerca da pesquisa descritiva consistir na “caracterização do problema, de sua classificação e sua reta definição”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO:

3.1 A necessidade de se categorizar

Ao analisar o diário de campo ao término dos 4 meses de anotações sistematizadas, buscando interpretar o material coletado, percebemos que os episódios envolvendo manifestações claras de luta ou fazendo alusão à elas totalizavam 29. No entanto, divergiam quanto à sua característica principal. Alguns envolvendo movimentos abruptos e contundentes, outros mostrando-se mais como uma atuação ou representação simbólica sem encontros corporais, havendo desta forma uma variação evidente entre eles.

Frente à esta inquietação, objetivando sistematizar os dados e abstrair destes informações palpáveis acerca das brincadeiras de luta no ambiente escolar, optamos por seguir o caminho inicial de segmentar os episódios, classificá-los e caracterizá-los mediante suas principais características. Incorporamos nossa percepção unindo ao significado das práticas para os estudantes, que reiterando, denominavam-nas “lutinha”. A organização das categorias que propusemos, dispõe-se da seguinte maneira:

1. **“Lutinha” de Fato (LF):** Caracterizada por um elemento simbólico muito forte, quase sempre fazendo alusão a uma situação já visualizada anteriormente, seja ela de vida real ou fictícia. O ponto alto desta categoria reside no fato de que sempre há o toque corporal, seja com socos, agarra agarra ou mesmo pontapés, iniciando-se já com essas características ou sendo resultado de uma brincadeira de perseguição. No entanto, com o elemento lúdico visualmente preservado, sem que houvesse chateação ou desentendimento em nenhum momento. Esta categoria envolve ainda o controle e correção de ações para que ninguém saia machucado da brincadeira, seja por receio dos dirigentes da escola, seja pela vontade de manter o colega brincando.
2. **“Lutinha” Simbólica (LS):** Esta categoria se refere às brincadeiras que possuem um elemento simbólico ainda mais forte que a supracitada, no entanto, sempre alude à aspectos fictícios midiáticos, sejam eles desenhos animados, animes, filmes, jogos eletrônicos e etc. Há, bem como na **LF**, gestos alusivos às artes marciais, no entanto sempre à distância, havendo

também o “envio” de poderes imaginários, utilização de objetos para representação de espadas, facas e etc.

- 3. Briga (BR):** Esta categoria não possui aparentemente elemento lúdico nenhum, talvez, em alguns episódios para uma única parte envolvida, que claramente demonstra diversão ao confrontar corporalmente um parceiro. Trata-se de episódios em que o objetivo das partes envolvidas é unicamente machucar o “adversário” naquela “disputa”, por vezes buscando descontar um acontecimento em que se sentiu injustiçado. Geralmente começa por motivos fúteis, o encontro corporal é abrupto e não há entendimento momentâneo entre as partes. Em alguns episódios, tempos depois os envolvidos voltaram a se comunicar e ficar próximos.
- 4. Brincadeira de Luta que Culmina em Briga (BLCB):** Aqui o que vimos foram estudantes que aparentemente estão desenvolvendo uma dinâmica que se caracteriza totalmente como uma **LF**, mas que, por algum motivo, geralmente pequeno e sem intenção mudam muito rápido para a categoria **BR**. Tendo como único objetivo, machucar seu parceiro de brincadeira assim como ele o fez, por mais que tenha sido sem querer. O elemento lúdico e divertido deixa de existir e o elemento violência assume toda a situação.

Dentre as classificações propostas conforme o coletado, obtivemos um número de episódios para cada uma delas, expressos da seguinte forma:

Tabela 1 - Correspondente ao número de episódios coletados para cada categoria.

-	LUTINHA DE FATO	LUTINHA SIMBÓLICA	BRIGA	BRINC. CULM. BRIGA
Nº de Episódios coletados	16	3	7	3

Fonte: elaboração própria.

Criamos ainda indicadores de tempo e lugar, respectivamente, em que todos os episódios aconteceram. Para dessa maneira determinar a predominância de cada categoria que mais ocorreu e em qual tempo tido como livre pelos estudantes. Os indicadores de tempo e lugar em que as brincadeiras mais ocorreram são:

1. Recreio e Playground;

2. **Recreio e Gramado externo;**
3. **Recreio e Pátio/Corredores;**
4. **PIBID e Gramado externo;**

Tabela 2 - Referente ao tempo e lugar de ocorrência dos episódios brincantes, bem como o predomínio destes.

Tempo e Lugar de ocorrência dos episódios	Predomínio identificado
RECREIO E <i>PLAYGROUND</i>	LF
RECREIO E GRAMADO EXTERNO	LS
RECREIO E PÁTIO/CORREDORES	LF/BR
PIBID E GRAMADO EXTERNO	BR

Fonte: elaboração própria.

Construímos também indicadores de intervenção da comunidade escolar, buscando contabilizar o número de episódios em que os dirigentes e demais atores sociais da escola interviram sobre a prática das crianças, bem como a postura que assumiram, classificando-os em:

- **Intervenção passiva:** Caracterizada pela aprovação da prática de brincadeira de luta em ambiente escolar, deixando ela acontecer sem dizer que aquela era proibida ou que os participantes deveriam parar naquele momento, por vezes até demonstrando empatia pela prática e estímulo.
- **Intervenção ativa:** Caracterizada pela reprovação da prática, exigindo que as partes envolvidas parassem imediatamente, argumentando que a escola não era local para tais práticas.

Tabela 3 - Referente às intervenções da comunidade escolar nas brincadeiras de luta.

	Nº de episódios
INTERVENÇÃO PASSIVA DA COMUNIDADE ESCOLAR	2

INTERVENÇÃO ATIVA DA COMUNIDADE ESCOLAR	5
--	----------

Fonte: elaboração Própria

Preocupamo-nos em analisar os manuscritos quanto à predominância dos ciclos, ou seja, qual ciclo participou mais de determinada categoria, tendo os seguintes resultados:

Tabela 4 – Referente à predominância de ciclos nos episódios observados

-	Predomínio identificado
LUTINHA DE FATO	1° ciclo – 13 de 16 episódios
LUTINHA SIMBÓLICA	2° ciclo – 2 de 3 episódios
BRIGA	2° ciclo – 6 de 7 episódios
BRINC. LUTA CULM. BRIGA	1° ciclo – 2 de 3 episódios

Fonte: elaboração própria.

3.2 Entrando em combate: reflexões sobre as categorias

As categorias propostas por nós, representam aspectos de observação unidos às falas e atitudes dos estudantes. A primeira categoria posta, **LF**, apresentou-se como a de maior incidência, o que era de certa forma esperado, já que configura a visão não reduzida sobre brincadeiras de luta de crianças, visualizando-a como aquela que não tem por objetivo levar o sofrimento alheio, que é divertida e lúdica para as partes envolvidas. Portanto, brincadeira de luta, de fato. Conforme mostra Ferreira (2006) ao tratar dos benefícios de se brincar de luta:

[...] desenvolve os fatores físicos e, ao mesmo tempo, exige um grande esforço cognitivo (formulação de estratégias). O fator afetivo e social também é exaltado, podendo ser observado que os alunos desenvolvem a autoestima, o autocontrole e a determinação (FERREIRA, 2006, p. 42-43).

Além disso, mostrou ser a categoria mais convidativa, pois houveram episódios coletados, em que meninas que não haviam brincado anteriormente decidiram se juntar a um grupo de meninos que brincavam de se agarrar recorrentemente, conforme relato:

[...] - Cheguei distraído, apenas como quem observa algo, olhando de “rabo de olho” e pude ver dois meninos que brincavam de uma brincadeira de agarra agarra. Um fugia do outro e tornava o agarra agarra.

[...] Me aproximei e perguntei do que eles estavam brincando e que parecia ser muito legal. Eles disseram que estavam brincando de lutinha, fiz expressão de surpresa e mostrei-me receptivo com a brincadeira. Perguntei como funcionava a brincadeira e o menor deles logo respondeu. Disse ele que era brincadeira de agarrar e jogar no chão, se caísse no chão deveria contar até três e se a pessoa não levantasse era declarada perdedora. Fiz expressão de surpresa e perguntei se era só isso, eles disseram que não e que não podia dar chute nem socos fortes. Indaguei-os do porquê e ambos responderam que era pra não machucar [...]

[...] Pouco tempo depois, duas meninas aproximaram-se e nesse momento se deu o ápice da observação. Elas questionaram sobre como se brincava e após a explicação dos dois garotos considerados “donos do jogo”, tiraram seus calçados e caíram nos “agarrões” e puxões visando uma levar a outra até o solo, ou mesmo disputar espaço. Elas brincaram por um bom tempo e segundo elas uma das meninas tinha sido praticante de Taekwondo. Em certo momento, após muita brincadeira e algumas crianças, inclusive meninas, chegarem perguntando se poderiam brincar, as duas meninas da

brincadeira de luta cansaram-se. Disseram que não iriam mais brincar porque cansava muito e porque uma colega acabou enforcando a outra demais, deixando-a cansada. No entanto não me pareceu um comentário reprovador da atitude da colega e sim de expressão daquilo que ela estava sentindo [...] (DIÁRIO DE CAMPO, 06/09/2017).

Sobre esta categoria vale ressaltar ainda que o elemento lúdico em toda ela está preservado, não havendo fugas para outras situações. Os gritos, o divertimento, o êxtase pela brincadeira pareciam tomar conta dos participantes, não havendo espaço para chateações entre quem brincava. Talvez por esse forte elemento lúdico preservado, o ciclo que predomina nesta categoria seja o 1º, pois para eles o lúdico apresenta-se de maneira latente e constante, afinal nessa faixa etária é “pelo brincar e repetir a brincadeira que a criança saboreia a vitória da aquisição de um novo saber fazer, incorporando-o a cada novo brincar (CRAYDI; KAERCHER 2001, p.103). Dessa forma, tornando sempre a brincadeira num ambiente prazeroso, fazendo os pequenos ansiarem por mais experiências.

A segunda categoria apresentada, **LS**, em nossa percepção inicial parecia ser a mais convidativa e recorrente no cotidiano escolar, pois a mobilização da criatividade é comum durante as brincadeiras da infância. Entretanto, foi a categoria com menos episódios visualizados e interpretados, juntamente de **BLCB**. Esta categoria, mostrou-se ser aquela com menor índice de intervenção dos atores sociais da escola, talvez por não existir o contato entre os participantes:

- Durante o recreio, vi um grupo de alunos, incluindo uma menina, ao longe realizando movimentos típicos de lutas. Eles estavam reunidos como quem deseja traçar uma estratégia para ir à batalha contra um outro grupo de estudantes, algo bem parecido com um desenho ou algo do tipo. Próximo ao fim do recreio esses estudantes estavam voltando, parei Leonardo e Fabiana (nomes fictícios com vistas a preservar a identidade dos estudantes), e indaguei-os sobre do que eles estavam brincando.

Responderam ambos: De Naruto, ué! (Naruto, ninja, personagem de anime japonês).

Eu: e como é essa brincadeira?

Eles: Nós viramos os personagens e depois batalhamos.

Eu: Mas e pode bater?! Porque no Naruto eles se batem muito!

Fabiana: Não! “Dooow” é imaginação, né! A gente envia poder, o “Hazenga” (poder que o personagem lança no desenho) ...

Leonardo: A gente se bate sim! Só não pode é machucar. (Não vi contato corporal algum entre os participantes)

Eu: ah, mas e como sabe quem ganha? Quem define as regras?

Leonardo: ah, a gente. Na verdade ainda não sabemos quem ganha ou quem perde, a gente só brinca.

Eu: Ah, entendi

Eu: mas e pode brincar disso aqui na escola?

Eles: pode

Eu: ah, tudo bem, depois a gente conversa mais então! (DIÁRIO DE CAMPO, 15/08/2017).

Conforme propõe Piaget (1976) ao se referir à aprendizagem lúdica, acreditamos que nessa categoria as crianças lançam mão de assuntos que permeiam seu cotidiano, atribuindo sentidos variados a estas práticas.

A conjugação entre a imitação, efetiva ou mental, de um modelo ausente, e as significações fornecidas pelas diversas formas da assimilação que permite a constituição da função simbólica (PIAGET, 1976, p.32).

Mostrando-se latente ainda o potencial pedagógico que essas práticas podem possuir, pois apresentam grande elemento lúdico, o qual desde que haja intencionalidade na proposição de objetivos de ensino podem corroborar na aprendizagem dos estudantes, assim como aponta Santos, Boccardo e Razera (2009, p. 03), ao afirmarem o lúdico como ótima ferramenta pedagógica, ressaltando “[...] a importância do planejamento e da intencionalidade – aspectos que subjazem aos aspectos lúdicos no processo de ensino escolar”.

A categoria **BR** é de certo algo negativo, mas não iremos deixar de tratá-la como algo que faz parte da infância e necessita de um olhar interpretativo, afinal apresentou-se como a segunda categoria com mais episódios. Ademais, conflitos existem desde muito cedo e por variados motivos. Face a esta realidade, decidimos também relatar estes episódios, até por serem comumente confundidos com brincadeiras de luta pela comunidade escolar. Nesse sentido, trazemos um exemplo coletado que claramente caracterizou-se como briga:

[...] - Consegui apenas observar um futebol em baixo das arvores na parte externa da escola. Nas últimas três ou quatro observações esse futebol também ocorreu e parece ter se tornado uma prática recorrente.

[...] Neste dia resolvi aventurar-me assistindo-os. O que vi foi um futebol onde todos aparentam se divertir, porém com um potencial muito grande de causar desentendimentos. Os alunos querem colocar a prova toda a sua

força e habilidade com a bola, o que neste dia resultou em uma briga. (Brigas em dias de terça feira tem se tornado recorrente em meus relatos, buscar olhar sistematizado para isto, 2º ciclo).

[...] A briga deste dia, ocorreu entre (nomes fictícios) Jeferson (aluno que não mede esforços para gerar brigas) e Vitor (Aluno que nunca o havia visto brincando na escola, e que também pareceu não “levar desaforo para casa”). Houve uma entrada dura de Jefferson em Vitor (depois de várias outras disputas corporais fortíssimas e Vitor já ter desferido um chute após uma entrada dura também de Jeferson) ambos caíram no chão um tanto embaraçados um no outro, por conta da velocidade e força do impacto, Vitor caiu e chutou o peito de Jeferson ainda no chão, que se levantaram, se agarraram e ficaram disputando espaços, ambos com os braços envoltos um no pescoço do outro e Jeferson aparentou começar a perder a briga. Jeferson largou Vitor e vice versa. Jeferson voltou a jogar e disse: “Tá achando que eu tô brincando é? seu (*Palavra de baixo calão)”.

Vitor aparentou não dar a mínima e voltou ao jogo, tornando a dar entradas bem duras em Jeferson, que veio até mim e disse: “Eu vou descontar, não ‘tô’ nem aí!”.

Ao término do recreio perguntei os nomes de quem estava no futebol e indaguei-os sobre o que tinha acontecido, se era brincadeira aquela confusão entre eles. Vitor não quis dialogar. Jeferson disse: era briga, isso sim!

Mais uma vez deixo a importância de ser feita uma reflexão sobre a facilidade com que os alunos entram em confronto corporal, tendo como objetivo machucar o outro para este então, “aprender”. (DIÁRIO DE CAMPO, 03/10/2017).

É inegável o fato de que o ambiente escolar não deve servir de palco para expressões puramente violentas, no entanto elas acontecem e o procedimento observado na maioria das vezes, é a punição dos envolvidos. Atitude não condenada por nós, mas que evidencia, assim como a marginalização das brincadeiras de luta, um despreparo em compreender o que compõe este tipo de prática durante a infância.

Muitas vezes as brigas são confundidas com brincadeiras que possuem uma determinada manifestação de luta, dando o mesmo tratamento para ambas, tolhendo-as do ambiente escolar. Isso deve-se à compreensão comum, sobretudo da comunidade escolar, considerar que uma brincadeira possuir manifestação de luta, é a representação da luta espetacularizada ou esportivizada em si. Bem como elucidada Breda et. al., (2010), ao evidenciar que as lutas foram recebidas no Brasil

como algo que distanciava-se da realidade comum, aliada a um forte estereótipo de violência desmedida. Dessa forma, infere-se que esse pensamento é transferido para práticas que possuam essas características em ambiente escolar. Ainda que existam recomendações esclarecidas acerca da diferenciação dessas práticas claramente expostas em documentos que oferecem orientações relevantes para a escola. Segundo os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), as lutas e jogos de luta enquanto conteúdo, definem-se como:

[...] disputas em que os oponentes devem ser subjugados, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica a fim de punir atitudes de violência e deslealdade. Podem ser citados exemplos de luta: as brincadeiras de cabo de guerra e braço de ferro, até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê (BRASIL, 1998, p. 70).

Nesse sentido, fica explícito o que deve ser considerado luta como conteúdo e até práticas brincantes pela comunidade escolar. Entretanto, não mostra-se efetivo um entendimento aplicado da comunidade escolar quanto ao que está proposto. Ainda versando sobre o que dizem os documentos norteadores, os PCNs propõem uma diferenciação ao tratar do conteúdo de lutas e a comum e imediata alusão às brigas, ao explicitar que na compreensão das lutas deve-se:

Abordar aspectos históricos sociais das lutas: compreensão por parte do educando do ato de lutar, contra quem ou contra o que lutar; A compreensão e vivência de lutas no contexto escolar (Lutas X violência); Vivência de momentos para a apreciação e reflexão sobre as lutas e a mídia; Análise sobre os dados da realidade das relações positivas e negativas com relação a prática das lutas e a violência na adolescência (luta como defesa pessoal e não arrumar briga) (BRASIL, 1998, p. 97).

Deixa-se evidente que essa diferenciação é algo importante, mas se nem mesmo os principais atores sociais da escola estão apropriando-se bem dessa questão, como espera-se uma diminuição destes conflitos entre estudantes? Afinal, o conhecimento pedagógico chega primeiro ao professor e a depender de como o trata, pode alcançar o estudante. Sendo assim, percebemos as brigas como algo que vai existir em ambiente escolar, mas que aparenta receber unicamente o trato de punição para retirá-la do mesmo, não considerando o que propõe os PCNs ao propor um entendimento das lutas que possibilite inclusive ao estudante a devida

compreensão e diferenciação de práticas violentas daquelas que fazem alusão às lutas e artes marciais.

A categoria **BLCB** constitui-se naquela com a menor quantidade de episódios coletados, juntamente com **LS**, para melhor ilustrá-la conforme o exposto em sua descrição, apresentamos um episódio caracterizador:

[...] - Andando pelo recreio por algum tempo não consegui constatar nenhum episódio que fizesse alusão às práticas de luta. Até que, chegando até o Playground, onde geralmente as crianças menores estão, observei por alguns momentos e não pude notar nada demais, virei-me de costas e olhei um pouco para fora da escola, ao voltar meu olhar vi quatro garotos que faziam inicialmente gestos alusivos à lutas e artes marciais. Todos estavam voltados à um único aluno, que também assumia sua postura de luta frente aos outros três que também o encaravam. Em um piscar de olhos todos foram em direção desse garoto, Paulo (nomes fictícios), e acertaram-no com chutes e pontapés. Paulo tentando revidar, porém sem sucesso, uma vez que eram muitos “contra” ele. Os golpes desferidos pelos outros alunos não pareceram ser contundentes e fortes ao meu ver, porém, um dos alunos, Higor, acabou acertando um chute no nariz de Paulo enquanto este desviava de um golpe. Paulo se abaixou como quem estivesse sentindo dor e com lágrimas nos olhos. O aluno que o chutou aproximou-se, mostrando interesse em ajuda-lo e dizendo que não havia feito por querer. Paulo se ergueu ainda com lágrimas nos olhos, tom de voz exaltado e partiu pra cima de Higor, dando-lhe um chute próximo à barriga e um soco no rosto. Neste momento intervi e perguntei o que havia acontecido, ambos assumiram postura retraída, acusando um ao outro de ter começado.

Perguntei: O que aconteceu?

Paulo: A gente estava no recreio só brincando normal e Hugo falou: “Todo mundo contra o Paulo” e eu saí correndo.

Higor: Interrompeu – Mentira, todo mundo já estava brincando e você também quando falamos todo mundo contra você! Você só quer se escapar.

Eu: Mas vocês estavam brincando de luta?

Paulo disse que não e Higor disse que sim, - “lutinha”.

Eu: Estavam ou não?

Paulo: Não, estávamos só no recreio e o Higor disse todo mundo contra o Paulo.

Eu: E pode brincar de luta na escola?

Todos os alunos que estavam perto e Paulo: Não, não pode.

Eu: Mas alguém disse?

Eles: ‘aham’, a Tia Carla (Diretora) diz sempre.

Eu: Por que não pode?

Eles: Porque se não pode machucar.

O que notei, foi que os alunos envolvidos na brincadeira de luta que evoluiu para uma briga eram bem mais novos e não me conheciam na escola. Então quando os abordei perguntando sobre, eles assumiram uma postura regressiva, como se eles estivessem fazendo algo muito errado e eu fosse puni-los.

Tempos depois vi o aluno Paulo com gelo na mão e uma parte pequena sangrando devido ao soco que acertou o dente do colega Higor, e aparentemente havia luxado sua mão próximo ao dedo mindinho. Os alunos estavam próximos e demonstravam ter feito as pazes. (DIÁRIO DE CAMPO, 15/08/2017)

Apesar de possuírem poucos episódios em nossas observações, a categoria **BLCB** possui elementos para alimentar uma discussão que imaginamos ser crucial face à realidade de tratamento dada às brincadeiras de luta em ambiente escolar.

Para refletir de maneira mais profunda sobre a categoria, faz-se necessário compreender também o que é o lúdico. Desta forma, o apresentamos à luz de Huizinga (1999) ao propor que o jogo, o brincar, deve apresentar a característica de liberdade - indissociável à prática lúdica - divertimento e regras acordadas, para as crianças irem muito além do que reside em suas fantasias. Deve ainda ser uma atividade voluntária, espontânea e prazerosa, pois quando imposta deixa de ser uma brincadeira, um jogo, ou mesmo um faz de conta. Perde-se, mediante ao supracitado, a ludicidade.

Huizinga (1999) enxerga o lúdico como algo que precede, acompanha e até extrapola à humanidade, evidenciando isto num simples exemplo de animais que brincam:

Bastará que observemos os cachorrinhos para constatar que, em suas alegres evoluções, encontram-se presentes todos os elementos essenciais do jogo humano. Convidam-se uns aos outros para brincar mediante um certo ritual de atitudes e gestos. Respeitam a regra que os proíbe morderem, ou com menos com violência, a orelha do próximo. (HUIZINGA, 1999, p. 5)

Ou seja, se com os animais o lúdico mostra sua importância, que dirá com humanos, que desde muito cedo tem o brincar como constante prática, ainda que não reflitam sobre um porquê.

O que pudemos perceber, tomando ainda como precedentes os posicionamentos do autor, é que existem elementos cruciais que compõem o lúdico, como regras acordadas - consequentemente resguardando a liberdade de escolha - e um ambiente de excitação dos participantes, sendo prazeroso para todas as partes envolvidas. No momento em que as decisões de um participe começam a extrapolar a individualidade presente na liberdade de escolha do alheio, extingue-se então o elemento lúdico. É justamente o que vemos acontecer na categoria **BLCB**, bem como na lacuna que a literatura deixa. As regras previamente decididas, ou construídas na dinâmica de jogo, parecem ser desconstruídas e emanar de uma só

parte, restringindo dessa forma a liberdade de escolha daqueles que igualmente faziam parte do ambiente lúdico. Portanto, é necessário lembrar que o ambiente lúdico antes de tudo, deve ser democrático, possibilitando liberdade expressiva, e respeito às decisões acordadas.

Dessa forma compõe-se a categoria **BLCB**, uma vez que o elemento lúdico inicialmente preservado, perde alguns de seus componentes, bem como sofre um desequilíbrio nas decisões dos participantes e rapidamente migra para a violência, a qual em nossos relatos, na maioria das vezes mostrou-se mais latente em uma das partes envolvidas. Muito disso se deu, após um sentimento de injustiça, que a qualquer custo, deveria ser devolvido, objetivando fazer com que a parte que provocou esse descontentamento o sentisse de volta e na mesma intensidade. O que inferimos então, é que uma soma de insatisfações aliada a sentimentos colocados em conflito, ao de fato se confrontarem, tem como resultado uma atitude violenta expressa de diferentes formas: verbal, corporal, gestual.

Pensamos que a linha entre uma brincadeira de luta e uma briga aparenta ser tênue, não sendo uma verdade absoluta. No entanto, acreditamos ser importante a coerência no trato das diversas brincadeiras e não colocar as de luta como caso isolado e mais propenso a gerar desentendimentos, afinal esta mesma situação acontece em diversas outras brincadeiras que não possuem manifestação de luta, como o futebol, a queimada e o pique-pega. Atribuímos protagonismo a prática de uma brincadeira que culmina em uma atitude violenta, não à natureza da mesma, mas ao desequilíbrio provocado nas partes que compõem o elemento lúdico. Expondo dessa forma, a desigual marginalização das brincadeiras de luta em ambiente escolar, que condiciona a prática brincante infantil a tornar-se um elemento subversivo que deva, por via de regra, acontecer distante do olhar adulto. Neste ensejo, a briga não caracteriza-se unicamente pelo contato, mesmo que violento, mas pela desconstrução lúdica e restrição da liberdade do alheio durante a prática, o que constitui-se na representação da ausência lúdica.

De fato, discernir sobre as características de uma brincadeira de luta para uma briga entre escolares pode ser uma tarefa difícil para alguns membros da escola. Fato este, que de certa forma evidencia o comportamento reprovador das práticas, todavia, decerto não legitima o expurgo de brincadeiras tão comuns à infância, daquilo que talvez seja seu ambiente de maior convivência lúdica, a escola.

Sendo assim, parece apresentar-se mais confortável à comunidade escolar restringir qualquer prática que faça alusão às lutas com o argumento de que podem facilmente se tornar uma briga, do que de fato buscar compreensões acerca das mesmas. Cabendo lembrar que nos resultados apresentados, a categoria **BLCB**, mostrou menor número de episódios comparada à categoria **BR**, a qual por vezes ocorreu advinda de brincadeiras que não possuíam manifestação de luta. Não justificando, dessa forma, a marginalização apenas daquelas.

3.3 Intervenções da comunidade escolar e o ringue das relações de poder

O “recreio e *playground*” foram o tempo e lugar identificado por nós, como aqueles em que mais aconteceram episódios de brincadeiras de luta. Trata-se de um dos espaços mais expressivos da prática brincante infantil, tal qual expõe Neuenfeld (2003), ao elucidar em um de seus artigos que:

O recreio nos dias em que não há aula de Educação Física, tornou-se o único momento que as crianças possuem para se movimentar. Por isso, ao saírem das salas de aula, após ficarem sentadas por horas, elas ‘explodem’ em movimento (NEUENFELD 2003, p.38).

Argumento o qual, demonstra a realidade observada, uma vez que a prática de educação física nos anos iniciais do Ensino Fundamental não é uma realidade em todas as escolas, inclusive na observada por nós, sendo o recreio o principal tempo e espaço de expressão da cultura lúdica infantil, revelando-se como “o momento, ou a circunstância que o indivíduo escolhe espontânea e deliberadamente, através do qual ele se satisfaz (sacia) seus anseios voltados ao seu lazer” (CAVALLARI; ZACARIAS, 1994, p. 15).

Dentre as práticas mais comuns realizadas no recreio, incluem-se as de luta, como demonstrado por nós. No entanto, revela-se comum a intervenção de atores sociais, nas práticas brincantes infantis, transformando o recreio num espaço que de certa forma restringe liberdades e não pode ser explorado em todo seu potencial. Semelhante ao que apresentam Michel, Silva e Silveira (2015, p.4), ao explicitar que as relações de força durante o tempo recreio estabelecem-se:

[...] como algo que indicou jeitos e maneiras corretas dos sujeitos infantis agirem, e que estabeleceu formas de garantir uma boa educação a eles ou,

ainda, como algo que caracterizou certa dominação do adulto sobre as crianças ou certa dependência das ações infantis para com as adultas.

Dessa forma, Caracterizam-se comuns nas escolas, falas que cerceiam a prática infantil, normalmente precedidas por um não: não pode correr, não pode jogar bola, não pode brincar de luta:

[...] após algum tempo uma professora de Artes que aparenta ser libertária, vendo a brincadeira de luta bem alegre dos meninos, decidiu intervir, alegando que o João (nomes fictícios) não estava gostando da brincadeira e que Danilo deveria respeitar o espaço alheio. Falou por último que: 'Não se brincar de bater em escola' (DIÁRIO DE CAMPO, 30/08/2017).

A **intervenção ativa** da comunidade escolar sobre as brincadeiras que possuíam manifestação de luta por nós observada, não mostrou-se tão expressiva quando comparada à totalidade de episódios coletados. Isto, em nossa análise, reside no fato das crianças possuírem um claro receio de punição advindo dos adultos, atribuindo à sua prática um caráter subversivo, realizando-a sempre que possível, distante do olhar adulto. Para que desta forma, conseqüentemente houvesse uma redução de intervenções em suas práticas brincantes, evidenciando o resultado apresentado.

3.4 Violência *versus* Agressividade

Aqui, iremos tratar uma das principais discussões que nos encaminham para reflexões válidas acerca das perguntas que inicialmente calcaram este estudo. Colocamos em voga, o que principalmente torna as práticas que possuem manifestação de luta como um conflito a ser expurgado da escola: tratá-las apenas sob ótica da violência/agressividade.

Para tanto, faz-se necessário elucidar o que é violência escolar e como ela se difere - contrariamente ao que demonstra acreditar o senso comum - da agressividade. Neste ensejo, trazemos um conceito de violência escolar, calcado em Prioto e Boneti (2009, p. 8):

“Portanto a violência escolar pode ser entendida como uma construção social, que se dá em meio a interações entre sujeitos no espaço escolar. Enfatizando a probabilidade da violência como um processo social que

compreende tanto relações externas como internas, e institucionais, em particular no que tange às relações sociais entre sujeitos diversos.”

A violência abordada pelas autoras pode ainda se manifestar de diferentes formas, assim como externa Abromovay (2003) apud Prioto e Boneti (2009, p. 5):

- a) violência Física: de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou de grupo(s) e também contra si mesmo, abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios. Além das diversas formas de agressões sexuais;
- b) agressão Física: homicídios, estupros, ferimentos, roubos, porte de armas que ferem, sangram e matam.
- c) violência Simbólica: Verbal - abuso do poder, baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade; Institucional – marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder;
- d) violência Verbal: incivildades (pressão psicológica), humilhações, palavras grosseiras, desrespeito, intimidação ou “bullying”.

A questão chave é que agressividade pode ser um vetor para expressão da violência, mas não necessariamente o é em si mesma. O que acontece comumente, reiterando, é a confusão em saber interpretar o que é brincadeira e o que é briga. Ainda nessa temática, afim de explicitar fenômenos facilmente confundíveis, pensa-se em agressividade e violência à luz de Cruz e Carvalho (2006, p.123) ao explicitarem que:

A agressividade é utilizada pela violência, mas é diferente dela (...) as expressões da agressividade humana nem sempre são violentas. Como nem todo conflito traz em si a ideia de destruição do outro, mesmo que contenha agressividade (física ou não), a ação agressiva nem sempre é sinônimo de violência. É na sutileza da transformação qualitativa que o conflito se expressa em negatividade e, em caso extremo, no conflito violento.

Desta maneira, podemos compreender que não só negativamente a agressividade se expressa, e que na maioria das vezes, por falta de conhecimento interpreta-se erroneamente uma prática. Faz-se necessário romper com estes comportamentos reducionistas no cotidiano escolar, caso contrário, questões importantes e que por vezes expressam-se somente na escola serão deixadas cada vez mais de lado, tornando a escola um ambiente não prazeroso para o estudante.

Retondar (2011, p. 15) nos revela que a criatividade e a agressividade são faces da mesma moeda “(...) haja vista que a agressividade remete a ideia de ultrapassem, de superação de obstáculos, de ruptura com o já estabelecido, com o que está pronto e acabado.” Mais uma vez, apresenta-se a importância de algo que não poderá ser compreendido num cotidiano escolar, caso não haja o interesse na busca por fundamentos que forneçam base para interpretar e principalmente diferenciar os episódios que possuam manifestação de luta daqueles puramente violentos.

3.5 Terminando o *Round*, buscando a “finalização”

Estudos futuros podem vislumbrar guiar a comunidade escolar rumo a saberes diferenciados acerca do abordado ao decorrer do texto, buscando sempre levar em consideração a perspectiva daqueles que brincam como uma realidade que deve ser preservada e levada em consideração. A metodologia por nós utilizada pode ser reproduzida em outros estudos, fazendo incrementos de métodos quando necessários, sempre objetivando corroborar com uma literatura que até o momento infelizmente demonstra-se escassa. Ressaltamos ainda que este estudo foi realizado em uma escola específica, logo, a reprodutibilidade com vistas a obter resultados próximos dos aqui conseguidos, demonstra-se pouco viável frente à natureza analítica e interpretativa do estudo. Temos como principal limitação, a categorização das práticas expostas em outras escolas, pois decerto podem apresentar novas manifestações e características. Talvez uma proposição interessante de modelos futuros que abordem o tema das brincadeiras com manifestação de luta, seria fazê-lo em variadas unidades escolares, classificando as práticas identificadas e apresentando o significado das mesmas para aqueles que as utilizam em seu cotidiano. Dessa forma, podendo cruzar informações e obter ainda mais reflexões que possam auxiliar a comunidade escolar a compreender os elementos que de fato podem definir e diferenciar uma brincadeira de luta como uma prática potencialmente pedagógica ou simplesmente violenta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interpretações de práticas que apresentam manifestação de luta em ambiente escolar mostra-se um fenômeno recente, conseqüentemente, demonstra-se obsoleto e não reflexivo por parte da comunidade escolar, o tratamento dado a elas. Nesse sentido, faz-se necessário a reflexão e compreensão de situações escolares que acompanhem as proporções de sua complexidade, não as reduzindo a uma única forma de tratamento reproduzida de maneira tradicional.

A proposição de categorizar os episódios de brincadeiras com manifestação de luta mostrou-se eficiente em suscitar reflexões que pudessem responder às nossas inquietações iniciais, podendo conduzir a comunidade escolar rumo à percepção do potencial pedagógico ou violento de uma prática.

Portanto, nossas reflexões sugerem que: 1) Nossas observações nos permitem inferir que não existem limites que definam claramente para a comunidade escolar como um todo, brincadeiras que possuam manifestação de luta ou uma atitude violenta. O que existe é um aparente desequilíbrio dos componentes do lúdico, que por sua vez deixam margem para conflitos, os quais a medida em que se intensificam, têm como resultado a violência em uma de suas manifestações. 2) Não mostra-se legítimo o tradicional argumento que pressupõe as brincadeiras com manifestação de luta sendo mais propensas a promover atitudes violentas. Pois existe uma seletividade de práticas, tornando-o contraditório. 3) O comum tratamento de punição dado às brigas em ambiente escolar, não as extinguirá, mas sim a compreensão e diferenciação lúcida por parte dos escolares e dirigentes, acerca dos malefícios advindos dela. 4) Os tempos e lugares em que as práticas infantis mais ocorrem necessitam de um olhar sistematizado, que não deve restringir ou impor decisões sobre as liberdades individuais daqueles que brincam. Sob prejuízo de gerar tensões não saudáveis ao ambiente lúdico, por vezes extinguindo-o.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. et al. **Escola e violência**. Brasília: Unesco, 2003. Violência nas escolas: situação e perspectiva. Boletim 21, Unesco, v. 1, p. 3-12, 2005.
- Anguera, M.T. (1985). **Metodología de la observación en las Ciencias Humanas**. Madrid: Cátedra.
- BARBOSA, R. F. M. et al. **Brincadeiras Lúdico-agressivas: tensões e possibilidades no cotidiano infantil**. Movimento, Porto Alegre, v. 23, n. 1., p. 159-170, jan./mar. de 2017.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física** /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC /SEF, 1998.
- BREDA, M. GALLATTI, L.; SCAGLIA, A. J; PAES, R. R. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte editora; 2010.
- CANDREVA, T.; et al. **A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção**. Pensar a Prática, v. 12, n. 1, p. 1-11, abr. 2009.
- CAVALLARI, R. C.; ZACARIAS, V. **Trabalhando com recreação**. 2. ed. São Paulo: Ícone. 1994.
- COLOMBIER, C. **A violência na escola**. Tradução de Roseana Kligerman Murrayl. São Paulo: Summus, 1989.
- CRAIDY, C. M., KAERCHER, G. P. da Silva. (Org.) **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artemed, 2001.
- CRUZ, T.M., CARVALHO, M.P. **Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental**. Cadernos Pagu (26), jan/jun. 2006, p.113-143.
- FARIAS, M. J. A; WIGGERS, I. D.; ALMEIDA, D. M. F. **Brincadeiras de luta e cultura infantil: análise de publicações em periódicos da Educação Física (2004-2013)** . Revista brasileira de Ciência e Movimento – ISSN 0103-1716; 23(3):181-195. 2015.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Editora perspectiva, 1999.
- MICHEL, C. B.; SILVA, R. S. M.; SILVEIRA, A. A. **Recreio escolar: espaço e tempo de produção de interações infantis**. Unisul, Tubarão, v.9, n.15, p. 98 - 116, Jan/Jun 2015.
- NEUENFELD, D.J. **Recreio escolar: o que acontece longe dos olhos dos professores?** Revista de Educação Física/UEM, v.14, p. 37-45, 1.sem. 2003.

VALLADARES, L. **Os 10 mandamentos da Observação Participante**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - VOL. 22 N^o. 63 , 2007.

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1976.

PRIOTTO, E. P.; BONETI, L. W. **VIOLÊNCIA ESCOLAR: na escola, da escola e contra a escola**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, jan./abr. 2009

RUIZ, J. A. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOS, D. R.; BOCCARDO, L.; RAZERA, J. C. C. **Uma experiência lúdica no ensino de ciências sobre os insetos**. In: Revista Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), Anais... SL, vol. 50, n^o 50/7, p. 1-3, Nov.,2009

ANEXOS

Lista de anexos:

Anexo A - Conhecendo um pouco mais sobre a escola

Anexo B - Trechos importantes do Diário de Campo.

ANEXO A – CONHECENDO UM POUCO MAIS SOBRE A ESCOLA

A Escola Classe observada, foi inaugurada em 1984, está localizada em Brasília na Asa Norte, é uma instituição vinculada à Coordenação Regional de Ensino do Plano Piloto, da rede pública de ensino, sendo subordinada à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Com oferta de ensino aos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde atende atualmente 278 alunos com idade a partir de seis anos, de diversos níveis socioeconômicos, sendo eles de diversas regiões administrativas do Distrito Federal e entorno, sendo parte dos alunos residem na Asa Norte - Plano Piloto.

A Escola possui como missão: “Ser referência de formação humana para o território educativo, contemplando a comunidade escolar, devendo, para isso, operacionalizar o acesso e a aprendizagem ao seu público-alvo, ofertando um ensino de qualidade voltado para o desenvolvimento das dimensões humanas, contribuindo para que as crianças e os adolescentes se tornem cidadãos para a vida, críticos, participativos, comprometidos e transformadores da sociedade”

Compõe-se por sete turmas que, numa tentativa de romper com o tradicional e normativo são identificadas por cores. As turmas identificadas com as cores amarela, vermelha, laranja e branca são compostas por alunos do 1º, 2º e 3º anos. Já as turmas das cores rosa, violeta e verde é constituída por crianças do 4º e 5º anos. Existe ainda uma sala para alunos dito especiais. Há também na escola uma sala de professores, sala da direção, sala multimídia, sala para os servidores, sala para os serviços de orientação educacional (SOE), cantina, quatro banheiros, secretaria, sala de informática, biblioteca (está em desuso), dentre outros. Além disso, tem espaços nas laterais da escola que os alunos podem brincar, um parquinho e um pátio.

Reiterando, a escola atende, ou atendia, 278 alunos das mais diversas regiões administrativas de Brasília, fora alguns poucos alunos do entorno de Brasília, que também são atendidos pela escola. Hoje são 26 alunos com laudos atendidos pela escola, esses laudos vão do autismo, Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD) ao Transtornos Funcionais Específicos (TFE). As salas de aulas são montadas para terem de 15 a 24 alunos no máximo, sendo eles divididos por fases de aprendizado. Atende-se também alunos com necessidades especiais,

com diversos laudos como: autismo, Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD) e Transtornos Funcionais Específicos (TFE).

Recentemente a escola aderiu a uma nova proposta de ensino o “Projeto Escola da Ponte”, este projeto surge em 1976 sendo liderado pelo pedagogo José Pacheco, cujo método de ensino se baseia nas chamadas Escolas Democráticas e numa educação inclusiva, para fugir do modelo tradicional de ensino. Não existem turmas divididas por idade, e sim ciclos onde crianças de idades diferentes compõem a mesma turma. O projeto surgiu recentemente, mediante um convênio/consultoria do professor José Pacheco para com a Secretaria de Estado de Educação.

A princípio na Escola observada parece um ambiente favorável à aprendizagem dos alunos, uma vez que a mesma encontra-se em uma ótima localização, rodeada apenas por prédios residenciais. Trata-se de uma escola muito bem cuidada e bem estruturada. Apresenta um ambiente favorável para que haja um bom relacionamento entre professor e aluno.

Com relação ao Currículo da escola, é o mesmo seguido por toda a rede pública de ensino da Secretária de Educação do Distrito Federal, sendo apenas diferente a forma de ensino, onde os alunos não são avaliados conforme os parâmetros tradicionais e sim pela metodologia de ensino da Escola da Ponte. Onde a proposta curricular da escola constrói a identidade da escola. Nela ficam estabelecidas as diretrizes para a realização do trabalho pedagógico e as linhas de ensino a serem adotadas. Estabelece-se também a participação dos demais segmentos que compõem o ambiente escolar. O compromisso dos professores, estudantes e pais, assim como dos demais servidores da escola, se formaliza em torno de uma proposta pedagógica na qual o currículo é elaborado e organizado de acordo com o espaço/tempo disponibilizado para o estudo de conteúdos e a realização de atividades. A proposta visa a auxiliar a escola a atingir as suas metas e os objetivos pretendidos para cada ano/série. Nesse sentido, a escola realiza vários projetos, visando ao desenvolvimento de um processo educacional de qualidade, bem como sanar dificuldades apresentadas pelos educandos. São eles:

- a) Reagrupamento: realizado com os estudantes pertencentes ao bloco inicial de alfabetização (turmas de 1º, 2º e 3º anos), em que estes são reagrupados de acordo com o nível de alfabetização, após a realização do teste da psicogênese, e realizam atividades visando ao seu desenvolvimento.
- b) Projeto Interventivo: realizado com os

estudantes pertencentes aos 4^o e 5^o anos. É o mesmo modelo utilizado no Reagrupamento. Os estudantes são agrupados de acordo com as dificuldades apresentadas. c) Projeto de Leitura Era uma Vez: realizado com todos os segmentos da escola, com leitura de livros durante um tempo determinado em um dia da semana e complementado com a sacolinha literária (leitura em casa).

Desse modo, apresentam um currículo deixa de ser fracionado, estático, organizado por disciplinas, concretizando-se em rede, sendo dinâmico, pois se organiza por áreas de conhecimento e temas geradores.

Aparentemente o corpo docente da escola demonstra-se bem qualificado, tendo inclusive uma das professoras possuindo o título de doutora. As demais professores parecem ser engajadas, no entanto muitas são de contrato temporário e sua prática pedagógica não condiz com o esperado pelo projeto proposto pela escola.

ANEXO B – TRECHOS IMPORTANTES DO DIÁRIO DE CAMPO

Aqui são apresentados episódios do diário de campo que ilustram bem as observações feitas pelos pesquisadores. Não trata-se de todos os episódios do diário de campo, até porque alguns autores versam sobre a particularidade de um diário de campo, cabendo a seu detentor apresentá-lo ou não. Sendo assim, escolhemos colocar a maioria dos episódios, da maneira que foram escritos sem alterações que alterassem seu sentido.

Segunda feira, 14 de agosto de 2017:

Cheguei na escola por volta de 8:40 da manhã. Fui carinhosamente recebido pelos alunos e tivemos uma conversa em nossa sala no que tange à determinação de objetivos para o semestre de definição de horários. Neste dia não observei nenhum episódio brincante que fizesse alusão à brincadeiras de lutinha. Observei espaços e horários tidos pelos alunos como livres, como momentos de pátio, idas ao banheiro, recreio e PIBID – Momento semanal em que as crianças recebem aulas de jogos e dinâmicas corporais ministrados por professores de educação física em formação.

Terça feira, 15 de Agosto de 2017:

Cheguei à escola por volta de 14hrs, um tanto atrasado, em virtude de estar anteriormente ajudando no processo seletivo de novos estudantes para o PIBID. Neste dia, diversos episódios que envolvem brincadeiras de luta, movimentos turbulentos e brigas foram constatados. Vale ressaltar que todos os episódios visualizados neste dia ocorreram no intervalo e nas aulas do PIBID.

Andando pelo recreio por algum tempo não consegui constatar nenhum episódio que fizesse alusão às práticas de luta. Até que, chegando até o Playground, onde geralmente as crianças menores estão, observei por alguns momentos e não pude notar nada demais, virei-me de costas e olhei um pouco para fora da escola, ao voltar meu olhar vi quatro garotos que faziam inicialmente gestos alusivos à lutas e artes marciais. Todos estavam voltados à um único aluno, que também assumia sua postura de luta frente aos outros três que também o encaravam. Em um piscar de olhos todos foram em direção desse garoto, Paulo (nomes fictícios), e acertaram-no com chutes e pontapés. Paulo tentando revidar, porém sem sucesso, uma vez que eram muitos “contra” ele. Os golpes desferidos pelos outros alunos não pareceram ser contundentes e fortes ao meu ver, porém, um dos alunos, Higor, acabou acertando um chute no nariz de Paulo enquanto este desviava de um golpe. Paulo se abaixou como quem estivesse sentindo dor e com lágrimas nos olhos. O aluno que o chutou aproximou-se, mostrando interesse em ajudá-lo e dizendo que não havia feito por querer. Paulo se ergueu ainda com lágrimas nos olhos, tom de voz exaltado e partiu pra cima de Higor, dando-lhe um chute próximo à barriga e um soco no rosto. Neste momento intervi e perguntei o que havia acontecido, ambos assumiram postura retraída, acusando um ao outro de ter começado.

Perguntei: O que aconteceu?

Paulo: A gente estava no recreio só brincando normal e Hugo falou: “Todo mundo contra o Paulo” e eu saí correndo.

Higor: Interrompeu – Mentira, todo mundo já estava brincando e você também quando falamos todo mundo contra você! Você só quer se escapar.

Eu: Mas vocês estavam brincando de luta?

Paulo disse que não e Higor disse que sim, - “lutinha”.

Eu: Estavam ou não?

Paulo: Não, estávamos só no recreio e o Higor disse todo mundo contra o Paulo.

Eu: E pode brincar de luta na escola?

Todos os alunos que estavam perto e Paulo: Não, não pode.

Eu: Mas alguém disse?

Eles: ‘aham’, a Tia Carla (Diretora) diz sempre.

Eu: Por que não pode?

Eles: Porque se não pode machucar.

O que notei, foi que os alunos envolvidos na brincadeira de luta que evoluiu para uma briga eram bem mais novos e não me conheciam na escola. Então quando os abordei perguntando sobre, eles assumiram uma postura regressiva, como se eles estivessem fazendo algo muito errado e eu fosse puni-los.

Segundo episódio do dia: Ainda no recreio, Durante o recreio, vi um grupo de alunos, incluindo uma menina, ao longe realizando movimentos típicos de lutas. Eles estavam reunidos como quem deseja traçar uma estratégia para ir à batalha contra um outro grupo de estudantes, algo bem parecido com um desenho ou algo do tipo. Próximo ao fim do recreio esses estudantes estavam voltando, parei Leonardo e Fabiana (nomes fictícios com vistas a preservar a identidade dos estudantes), e indaguei-os sobre do que eles estavam brincando.

Responderam ambos: De Naruto, ué! (Naruto, ninja, personagem de anime japonês).

Eu: e como é essa brincadeira?

Eles: Nós viramos os personagens e depois batalhamos.

Eu: Mas e pode bater?! Porque no Naruto eles se batem muito!

Fabiana: Não! “Dooow” é imaginação, né! A gente envia poder, o “Hazenga” (poder que o personagem lança no desenho) ...

Leonardo: A gente se bate sim! Só não pode é machucar. (Não vi contato corporal algum entre os participantes)

Eu: ah, mas e como sabe quem ganha? Quem define as regras?

Leonardo: ah, a gente. Na verdade ainda não sabemos quem ganha ou quem perde, a gente só brinca.

Eu: Ah, entendi

Eu: mas e pode brincar disso aqui na escola?

Eles: pode

Eu: ah, tudo bem, depois a gente conversa mais então!

Case 3 do dia:

Davi e Samuel estavam brincando de algo que à distância se assemelhava a uma brincadeira de luta. Pois realizavam gestos e onomatopeias alusivas às lutas e artes marciais. Em meu contato com eles disseram que estavam brincando de "JASON". A brincadeira consiste em uma pessoa que persegue (Jason) outras pessoas, porém, esta perseguidora não pode correr, apenas andar em passos rápidos e vez ou outra correr. O Jason, é detentor de quatro objetos uma hélice e uma garrafa que simula a gasolina, um carrinho e uma chave. Os objetos apenas tem utilidade quando juntos em duplas da maneira supracitada. O Jason deve esconder os quatro objetos, e o objetivo de quem foge do Jason é encontrar os objetos para depois disso fugir com até 5 pessoas no carro e até 5 pessoas no barco.

Ao indagar os alunos que brincavam e incentivadores da brincadeira, os alunos disseram que a brincadeira tratava-se da reprodução realizada por eles de um jogo eletrônico denominado "Sexta-feira 13" em que um homem mascarado armado com uma faca ou uma serra elétrica persegue pessoas no intuito de mata-las.

Ao falar com um dos alunos sobre o porquê de ele estar correndo com um pau na mão atrás dos colegas, eles me disse que não era um pau e sim uma serra elétrica, posteriormente explicando-me toda a brincadeira. Eu perguntei: Mas é só isso? O que o Jason faz?! Em resposta pronta o aluno respondeu-me: Ele mata!

Após esse pequeno diálogo os alunos voltaram para sala e deixaram a brincadeira.

Terça Feira dia 22 de Agosto de 2017:

Neste dia cheguei à escola em horário comum e só pude observar as atividades brincantes dos alunos no recreio. Andei um pouco pela escola e nenhum estranhamento pude obter. Até que após alguns minutos sem ver nada de interessante dirigi-me até o playground dos alunos chegando lá, ví alunos que brincavam aparentemente de polícia e ladrão. O que percebi neste dia, já empossado de reflexões de outros episódios brincantes, é que na prática daqueles alunos, os menores pertencentes ao primeiro ciclo, as brincadeiras de lutinha, denominada assim por eles mesmos, na maioria das vezes aconteciam, após uma perseguição. Os alunos apenas emitiam sons, faziam, poses e gestos alusivos às

lutas após uma determinada perseguição, geralmente advinda de polícia e ladrão ou mesmo pique.

Neste dia, ao observar o playground, percebi um grupo de 4 ou 5 alunos, dentre eles uma menina, que corriam uns atrás dos outros e de tempo em tempo alguém era arremessado na parede sendo chamado de “Maconheiro” e que estaria sendo condenado há 35 anos de prisão, essas palavras eram proferidas enquanto segurava-se as mãos deste para trás, no entanto este parecia se entregar, mas logo se desvencilhava e fugia. Tornando a haver perseguição e ao fim da perseguição sempre uma pose de luta ou onomatopeia referente a lutas. Com o passar do tempo, percebi, que o jogo não se chamava polícia e ladrão, mas sim, “Gramadores e Maconheiros”. O piso do playground dos alunos é verde e segundo os próprios alunos aquela seria a grama e os maconheiros queriam roubá-la, logo sua função deveria ser protege-la. Sendo assim, os maconheiros tentavam invadir o espaço dos gramadores e estes, por sua vez perseguiam os gramadores tentando prendê-los, em resposta os maconheiros se colocavam em postura de luta e começava o combate corpo a corpo. Chutes, socos, movimentos turbulentos e muita corrida caracterizam a brincadeira observada neste dia. A minha aproximação junto aos alunos foi bem tranquila e eles contaram-me todas as regrinhas e pormenores do jogo deles, não criando aversão à minha presença junto deles.

Quarta feira dia 23 Agosto de 2017:

Neste dia, cheguei à escola um tanto atrasado, observei pequenos episódios de brincadeira de luta, que, no entanto foram tão rápidos que não foi possível minha aproximação. Desta maneira, o que já percebi é que as brincadeiras de luta são episódios recorrentes na dinâmica escolar da escola, algumas vezes episódios mais prolongados, permitindo minha aproximação e observação de perto, outras vezes nem tanto.

Episódios de brigas também mostram-se recorrentes na escola, porém, ao meu ver, acontece com determinados alunos, os quais, através dos diálogos sabem diferenciar bem brigas de brincadeiras de luta. Alguns alunos, demonstram estresse excessivo com outros colegas se xingando e distribuindo grosserias por pouca coisa, porém sem haver contato corporal. Deve isto ser considerado como algo lúdico-agressivo? Apenas agressividade? Violência? imagino que posteriormente esforços devem ser realizados no intuito de interpretar esses significados para os alunos da escola.

Neste dia em específico, ao voltar do playground onde observava a brincadeira de lutinha de alguns alunos vi dois alunos serem encaminhados por um professor para um canto da escola (dispositivo da escola utilizado na resolução de problemas, tenta-se resolver entre os alunos, caso não haja sucesso chama-se um mediador mais velho, caso não se resolva se leva para a direção para as devidas providências), enquanto observava de longe um aluno aproximou-se e perguntei o que tinha acontecido, o aluno disse-me que eles dois dos alunos haviam brigado porque um xingou a mãe do outro, em seguida um amigo resolveu se intrometer na briga, outro colega vendo também resolveu entrar na briga e a partir daí chegaram professores e separaram.

Neste dia este foi o único estranhamento obtido por mim. Os alunos conseguem muito bem diferenciar brigas de brincadeiras de lutinha. Após perceber isto, passei a sempre perguntar a quem brinca: Mas é briga, ou brincadeira de lutinha?

Quarta feira dia 30 de Agosto de 2017:

Neste dia, houveram alguns episódios de brincadeira de luta na escola. Um dos que vi, e me muita chamou atenção foi um menino e uma menina que se seguravam e distribuíam entre si pequenos socos por parte do menino e grandes socos e chutes por parte da menina. A qual continuava mesmo após o menino se desvencilhar ela persistia e a brincadeira continuava. Ela ainda colocava regras, pois me determinado momento o menino ao ver que estava levando a pior tentou desferir um chute na menina, a qual retribuiu o chute e imediatamente disse que não valia mais chutar. O menino não mais chutou. O que podemos perceber aí é que os alunos instituem pequenas regras para que a brincadeira de lutinha não vire briga, pois tanto para quem brinca como para quem assiste o que divide a brincadeira de luta da briga é uma linha muito tênue. Foi um dia de boa reflexão...

Ainda neste dia vi dois alunos que possuem necessidades especiais brincando de luta.

Neste dia, ao conversar com Caio ele me disse que tinha brincado de lutinha com o Dagoberto, logo perguntei se ele gostava dessas brincadeiras, em outras oportunidades ele já havia me dito que sim e que costumava brincar com o Pai.

Dagoberto e Caio faziam pequenas danças, simulavam movimentos de jiu-jitsu, se agarravam, rolavam e davam risada em meio aquela bonita brincadeira entre eles. Dois monitores da escola se aproximaram e em momento algum interromperam o que estava acontecendo, apesar de a escola até o pouco que sei, por normas da diretora não permitir brincadeira de luta. Eles brincaram durante todo o recreio prolongado em alguns momentos até com o professor/monitor Vitor contabilizando uma pontuação para o aluno Caio que imobilizava Dagoberto numa posição de 100 quilos.

Por várias vezes perguntei se era briga ou brincadeira, eles pareciam não estar nenhum pouco interessados naquela pergunta e só queriam mesmo continuar brincando, claramente era brincadeira, a situação e alegria nos rostos daqueles dois alunos falava por si só.

A vice diretora da escola, viu os dois brincando e eu ao lado ela olhou por algum tempo como quem estivesse se divertindo vendo aquela situação e não falou nada, apenas olhou pra mim com um sorriso no rosto, como quem dissesse: olha, que legal os dois brincando. Isto, porque Caio tem mais de 1,75m e uns 90 quilos e Dagoberto cerca de 1,15m e uns 30 e poucos.

Passado o episódio supracitado, após algum tempo uma professora de Artes que aparenta ser libertária, vendo a brincadeira de luta bem alegre dos meninos, decidiu intervir, alegando que o Caio não estava gostando da brincadeira e que Dagoberto deveria respeitar o espaço alheio. Falou por último que: 'Não se brincar de bater em escola'. Este episódio fez-me refletir sobre o quão profundo deverei conhecer a escola e seus atores sociais para compreender a maneira que cada um e a instituição interpretam este tipo de prática em ambiente escolar, isso tudo sem

ser invasivo ou indiscreto. Tem sido um exercício constante de jogo de cintura e tem dado certo, no entanto não deixa de ser um grande desafio!

Quarta Feira 6 de Setembro de 2017:

Cheguei à escola por volta das nove apenas pude notar episódios de lutinha durante o intervalo, no local em que sempre acontece: o parquinho. No entanto, foi atípico quantos aos participantes da lutinha.

Cheguei distraído, apenas como quem observa algo, olhando apenas de “rabo de olho” e pude observar dois meninos (Laercio –tapão no olho- e Vitor Gabriel) que brincavam que uma brincadeira de agarra-agarra, um fugia do outro e tornava o agarra-agarra.

Os alunos eram de turmas diferentes e idades também diferentes, porém brincando de lutinha de igual para igual. Me aproximei e perguntei do que eles estavam brincando e que parecia ser muito legal. Eles disseram que estavam brincando de lutinha, fiz expressão de surpreso e mostrei-me receptivo com a brincadeira. Perguntei como funcionava a brincadeira e o menor deles logo respondeu, disse ele que era brincadeira de agarrar e jogar no chão, se caísse no chão deveria contar até três e se a pessoa não levantasse era declarada perdedora. Fiz expressão de surpreso, e perguntei se era só isso, eles disseram que não e que não podia dar chute nem socos fortes. Indaguei-os do porquê e ambos responderam que era pra não machucar. Falei pra eles continuarem brincando e que eu poderia ser o juiz, contando quem ficasse os três segundos no chão. Eles aceitaram e começou a brincadeira, ainda durante a brincadeira os dois alunos se voltaram contra o juiz, eu, e me atacaram com vistas a me derrubar, durante a brincadeira e conversa descobri que um dos alunos, Laercio, o mais velho tinha o JUDÔ como principal prática esportiva, inclusive falando nome de golpes e demonstrando conhecimento das técnicas. Outros alunos vendo a prática supostamente “supervisionada” por um adulto aproximaram-se demonstrando muita vontade de participar. Um Aluno ainda mais novo entrou na brincadeira, este não demonstrava o hábito de brincar de luta, conhecendo pouco sobre e não sabendo brincar tão bem. Pouco tempo depois, duas meninas aproximaram-se e nesse momento deu o ápice da observação. Elas questionaram sobre como se brincava e após a explicação dos dois garotos considerados “donos do jogo” tiraram seus calçados e caíram nos “agarrões” e puxões visando uma levar a outra até o solo, ou mesmo disputar espaço. Elas brincaram por um longo período de tempo, e segundo elas uma das meninas tinha sido praticante de Taekwondo. Em certo momento, após muita brincadeira e algumas crianças, inclusive meninas chegarem perguntando se poderiam brincar, as duas meninas da lutinha cansaram-se e disseram que não iriam mais brincar porque cansava muito e porque uma colega acabou enforcando a outra demais e a deixando cansada, no entanto não me pareceu um comentário reprovador da atitude da colega e sim de expressão daquilo que ela estava sentindo. O que pude perceber nesse dia principalmente é como as lutinhas são práticas comuns e latentes no cotidiano infantil independente do sexo ou idade. Percebi ainda que minha presença supostamente “supervisionando” a brincadeira dos dois colegas iniciais pode ter contribuído para uma maior aderência.

Terça Feira 12 setembro de 2017:

Tratou-se de um dia bem tranquilo, não observei atividades que caracterizassem lutinha exceto duas brigas que aconteceram envolvendo o Aluno Rafael. A primeira tratou-se de uma confusão no futebol deles em que um derrubou outro sem querer e fazendo com que o joelho deste, Rafael, sangrasse, em resposta Rafael socou a nuca do outro aluno, gerando imensa confusão. Eles não conseguiram resolver entre si, tentei intermediar e ainda assim sem grandes resultados, outro professor chegou e auxiliou na mediação do problema, até que no fim eles conseguiram se resolver minimamente.

Mais tarde, na aula do pibid, os alunos propuseram como brincadeira Policia e Ladrão, Rafael posicionou-se dizendo que não seria polícia, que era traficante e que “quebraria” todo mundo, mudei- o de equipe colocando-o na polícia e dando-lhe o cargo de delegado. Ele disse que quebraria todos os “maconheiros”. Após a brincadeira não dar muito certo, Rafael, alegando que um colega, Arthur, havia arremessado pedrinhas nele partiu para cima do colega com gana por derrubá-lo ao solo, Arthur com semblante de muito medo correu, ainda com meu pedido para que Rafael parasse ele continuou e tentou aplicar um Osotogari em Arthur tentando derruba-lo no chão. Após esse episódio chamei todos e encerrei a aula. Foi um dia Bem frustrante.

Quarta Feira, 13 Setembro de 2017:

Cheguei à escola bem cedo por volta das 7h ou 8h. Tratou-se de um dia tranquilíssimo em que participei de algumas coisas na escola. Enquanto estava a planejar minhas aulas na sala dos Pibidianos a Supervisora Cris veio até meu encontro para participar (observar) de uma formação que estava ocorrendo naquele instante sobre aprendizado de matemática. Tratava-se de um jogo de tapetinhos em que nele dividiam-se centenas, dezenas e unidades, notas de dinheiro ilustrativo, canudos, cheques confeccionados, dados para calcular os valores e “material dourado” (Bloquinhos de madeira tradicionalmente usados no ensino de matemática). As formações são algo extremamente comum na escola, as professoras buscam uma constante evolução e construção da sua práxis pedagógicas. Esta formação em específico foi ministrada por uma doutora pela UnB e ex-professora da própria secretaria de educação, e tinha como objetivo fazer com que as professoras conseguissem transpor para os alunos que matemática não é algo abstrato como a vida inteira se pensa e se “aprende”, a matemática nesta formação visa demonstrar a tangibilidade e concretude da matemática na vida do alunado.

Neste dia ainda ajudei na horta da escola, plantando alfaces com um senhor que foi à mesma realizar este trabalho. Prezei pelo ideal da escola de troca de conhecimentos e ajuda mútua. O fiz de maneira muito harmoniosa e modéstia parte muito bem feito, me sujei todo! Mas valeu muito à pena, aprendi muito em um só dia. Após essa ajuda fui ao recreio observar o cotidiano dos alunos, na busca por algum episódio de luta. Infelizmente neste dia não observei nenhum, no entanto presenciei briga. Dois alunos estavam desferindo, um sobre o outro, socos e pontapés, bem fortes, era perceptível que não se tratava de uma brincadeira, tentei chamar os dois

alunos para conversar e quem sabe conseguir um bom diálogo e interpretação pessoal daquela situação mas não foi isso que aconteceu. Um dos alunos correu e não queria de forma alguma conversar, enquanto que o outro um pouco acuado respondeu às minhas perguntas, explicando que estava correndo normalmente e outro colega o chutou muito forte sem nenhuma explicação, ele voltou e revidou, dando início à briga. Perguntei se era brincadeira e com olhar incisivo, bochechas cheias de ar voz empostada o aluno respondeu: era briga! E lá se foi voltar a brincar. Tempos depois, o aluno que fez o relato supracitado e mais alguns colegas se dirigiram até mim alegando que o colega da briga estava ofendendo a mãe deles e querendo mais briga. Falei que eles deveriam resolver por si só, e que se não conseguissem deveriam vir falar com algum professor. Eles concordaram. Pouquíssimo tempo depois vejo todos eles brincando de correr na maior energia. Neste dia o que me impressionou foi a falta de medo em brigar, brigar de verdade, com o objetivo de ferir o outro. E a cada observação episódios como este têm se tornado recorrentes, seria uma canalização de energia acumulada, que, porventura poderiam ser aliviadas por brincadeiras de lutinhas?? Não sei responder, não ainda!

Quarta Feira, 20 de Setembro de 2017:

Cheguei à escola por volta das 8h da manhã e neste dia como tarefa das reuniões semanais do Pibid, a equipe 115 deveria definir métodos e conteúdos a serem desenvolvidos neste fim de ano para com os alunos. Fiz isto durante boa parte da manhã não conseguindo observar bem outros horários tidos como livres que não fosse o recreio. Ao sinal do recreio, que na verdade é uma música popular brasileira, me dirigi ao playground, local em que a maioria dos episódios têm ocorrido. Assim que cheguei lá vi cerca de 5 alunos brincando de lutinha. Mais uma vez eles faziam gestos, movimentos turbulentos e falas que remetem à luta. Desta vez, para minha surpresa, vi alunos atípicos na brincadeira, alunos que não tinha visto antes brincando naquele espaço: Douglas, Brian, ...

A dinâmica da brincadeira que ocorria neste dia era a mesma vista em alguns relatos anteriores, as vezes eles perseguiam um ao outro e quando não mais havia espaço para corrida eles se confrontavam resultando na lutinha. Outras vezes dois alunos, um de frente para o outro disputavam o espaço de seus corpos de pé no playground, tendo um aluno como “juiz” da situação, contando até três quando um aluno era projetado ao solo e imobilizando por três segundos. Ao conversar com os alunos eu ainda não tinha visto na brincadeira, percebi que aquela era a primeira vez que eles haviam brincado daquela brincadeira, um porque não gostava e outro apenas porque não tinha vontade. Um aluno chamado Douglas (Juiz) e novato na brincadeira ao conversar comigo disse-me que era sua primeira vez e não brincava da luta, apenas de ser juiz e quando questionado sobre o porquê da prática ele disse que: “Minha mãe diz que não é para eu brincar de lutinha na escola, porque isso machuca”. Respondeu e debandou-se a ser juiz em outra lutinha que acabara de começar.

Logo em seguida depois de muita lutinha acontecendo um aluno chegou. Logo percebi que aquele era o Dono do Jogo, ninguém o desafiava porque era o mais forte. Este aluno era Davi (??), com um porte físico mais avantajado que o dos

outros garotos e aparentando ser mais conhecedor das lutinhas todos paravam para o escutar quando falava de suas habilidades como “lutador”: “Eu ganho dele aqui facinho! Ganho de qualquer um!” Os alunos, apesar de demonstrar respeito por ele não mostraram medo de lutar com ele. Ele logo chamou outro aluno que possuía seu mesmo porte físico e eles entraram em combate, iniciando com alguns pontapés e terminando rapidamente com Brian? Arremessando-o ao solo e imobilizando-o sem chance de defesa.

Após este episódio os alunos ficaram apenas em volta dele brincando e um ensinando ao outro aquilo que sabia. Em dado momento o Dono do Jogo chamou dois alunos para ir na lutinha com ele, os alunos (bem franzinos, Gabriel Vitor e Kaniel menino do Kung Fu) foram pra cima e não houve chance para ele, todos ao solo um por cima do outro mas o Dono do Jogo acabou perdendo (fotos). Todos levando na brincadeira e sem machucar o colega. Por vezes usando uma força desproporcional, mas rapidamente corrigida para não acabar com a brincadeira. Durante a brincadeira meninas vieram querendo brincar e também meninos, no entanto não sei se pelo prazer e curiosidade pela brincadeira de lutinha ou se por se sentirem seguros de brincar de lutinha já que tinha um adulto ali observando a prática e de certa forma tratando aquela brincadeira como algo permitido em ambiente escolar.

Neste dia ainda houve na escola uma reunião entre uma professora de contrato temporário da turma especial, a coordenadora pedagógica e a diretora sobre a conduta de uma outra professora, também do ensino especial, para com o trato pedagógico com um aluno, Rafael, e vários outros atores sociais da escola. A professora em questão por diversas vezes coloca o aluno de ensino especial em situações vexatórias e desnecessárias. Usando ainda de uma imensa arrogância para com aqueles que dissessem qualquer coisa sobre a forma com que ela desenvolvia ou tratava uma determinada situação.

Terça Feira, 26 de Setembro de 2017:

Tratou-se de um dia atípico quanto às observações pois neste dia busquei bastante por episódios de lutinha e não consegui observá-los. Aqueles que consegui observar eram irrisórios comparado as observações que já possuo. Apenas alunos se agarrando ao longe não dando espaço nem para a minha chegada para possivelmente fazer algumas perguntinhas. A Atipicidade deste dia se justifica justamente por não haver brigas, pois às terças feiras o que mais ocorre são brigas ao invés lutinhas. Neste dia em específico Rafael havia faltado, algo estranho pois em todos os episódios de brigas relatados até o momento, Rafael estava presente, seria este o motivo?

Quarta Feira, 27 de Setembro de 2017:

Neste dia houveram episódios de lutinha, no entanto não consegui me aproximar tanto para investigar sobre, se era uma prática diferente e etc. O que vi, foram alunos que se perseguiam, alcançavam o colega fugitivo e o conduziam a um determinado local, este não estando confortável confrontava o colega resultando na lutinha, mais uma vez o que vi foram alunos que se confrontavam fazendo gestos e desferindo socos e pontapés, caíam e ficavam um em cima do outro, outro chegava

para ajudar e conduzir aquele que estava caído, algo como um polícia e ladrão, porém com luta. Decidi deixar um pouco esses alunos brincando lá, já que neste dia não estavam me dando atenção. Me dirigi até a entrada da escola e vi dois alunos pequeninos chamando o Caio (aluno especial) para a luta. Um deles, Vitor, quando o questionei sobre o seu gosto por brincar de lutinhas respondeu-me que gosta apenas mais ou menos, isto porque prefere brincar no colchão, depois disso ignorou minhas questões e tornaram a brincar com Caio, puxando e subindo em cima dele. Após isso, voltei ao pátio maior e vi dois alunos brincando de lutinha e se acertando muito forte, os alunos tinham o mesmo nível na lutinha, não tinha um ganhador ou um perdedor, era “pau a pau”, não aceitaram muito minhas intervenções sobre a prática deles, então optei por só elogiar: “ Vocês são bons hein!” “Um é tão bom como o outro” continuaram a se perseguir e se bater, Kaliel sempre fazendo suas acrobacias e poses de Kung Fu, já que ele se intitula praticante da mesma. Bruno não quis muito papo (garoto da lutinha pau a pau) e foi a primeira vez que o vi brincando. Ao lado estava Laércio, como sempre aplicando técnicas de judô, segurava um garoto mais fraco em posição de Yoku-ushi-ho-gatame, imobilização na qual o judoca de lado ao seu oponente e ao solo, coloca peso sobre a barriga e segura o pescoço e pernas conjuntamente.

Para encerrar as observações deste dia, Samuel, aluno da Turma Verde, abraçou Emanuelle pelo pescoço e aplicou-lhe uma técnica também do judô, sem motivo algum, pareciam estar brincando, porém ele o fez e neste momento a vice diretora Renata viu e repreendeu o aluno, Emanuelle levantou com semblante de reprovação à atitude de Samuel, no entanto seria este semblante apenas porque Renata estava ali repreendendo e ela não queria sair como errada da história? Não tive a oportunidade de questioná-los sobre o que houve pois ambos foram para sala após a fala de Renata, a qual perguntou: “ O que é isso Samuel??” Sendo bem razoável, não tão repressiva. Logo após pediu que Samuel pedisse desculpas e ambos foram pra sala correndo.

O que ressaltado neste diário é que não foi a primeira vez que vi Renata agindo de maneira bem razoável com alunos que brincam de lutinha. Em um diário em que Caio e Dagoberto brincam de lutinha rolando no chão a professora Renata passou olhou aquela situação como se achasse legal e posteriormente me olhou e sorriu. Esta com certeza é uma atriz social da escola boa de ser entrevistada.

Terça Feira, 03 de Outubro de 2017:

Neste dia poucas observações consegui fazer na escola por conta da organização de uma atividade proposta para o dia 09/10 que todos os professores do PIBID iriam realizar. Consegui apenas observar um futebol em baixo das arvores na parte externa da escola. Nas últimas três ou quatro observações esse futebol também ocorreu e parece ter se tornado uma prática recorrente, não fiz relatos específicos destas práticas porque sempre estava observando algo que fugia ao comum em outro lugar, impossibilitando assim um olhar sistematizado daquele futebol. Neste dia resolvi aventurar-me assistindo-os. O que vi foi um futebol muito lúdico onde todos se divertem, porém com um potencial muito grande de causar desentendimentos, os alunos querem colocar a prova toda a sua força e habilidade

com a bola, o que neste dia resultou em uma briga. (Brigas em dias de terça feira tem se tornado recorrente em meus relatos, buscar olhar sistematizado para isto). Vi episódios em que o Rafael, aluno que mais possui incidência de brigas na escola, quase fazia uma dividida de bola, ou um chute sem querer se tornar em um ringue de luta, mas relevando muito bem as situações, coisa que normalmente não acontece. Percebi que ao estar com os meninos maiores, e alguns de bairros periféricos, Rafael apresenta um claro receio de enfrentá-los. A briga deste dia, ocorreu entre Luis Davi (aluno que não mede esforços para gerar brigas) e Vitor (Aluno que nunca o havia visto brincando na escola, e que também pareceu não “levar desaforo pra casa”. Houve uma entrada dura de Luis Davi em Vitor (depois de várias outras disputas corporais fortíssimas e Vitor já ter desferido um chute após uma entrada dura também de Luís Davi) ambos caíram no chão um tanto embaraçados um no outro, por conta da velocidade e força do impacto, Vitor caiu e chutou o peito de Davi ainda no chão, ambos levantaram se agarraram e ficaram disputando espaços, ambos com os braços envoltos do pescoço do outro e Luís Davi aparentou começar a perder a briga. Davi largou Vitor e vice versa, Davi voltou a jogar e disse: “Tá achando que eu tô brincando é? seu (*Palavra de baixo calão)”. Vitor aparentou não dar a mínima e voltou ao jogo, tornando a dar entradas bem duras em Davi, que veio até mim e disse: “Eu vou descontar, não tô nem aí!”. Ao término do recreio perguntei os nomes de quem estava no futebol e perguntei a Davi o que tinha acontecido, se era brincadeira aquele confusão entre eles. Vitor não me deu papo. Davi disse: era briga, isso sim.

Mais uma vez deixo a importância de ser feita uma reflexão sobre a facilidade com que os alunos entram em confronto corporal com vistas a machucar.

Quarta feira, dia 04 de outubro de 2017:

Neste dia, em virtude de toda correria com os preparativos para o dia 09, (dia em que todos os pibidianos comprometeram-se a realizar uma mega oficina na escola com lutas, dança, atividades de aventura, slackline e café da manhã) não pude realizar observações das atividades brincantes dos estudantes, por estar resolvendo muitas situações relacionadas às oficinas.

Quarta Feira, dia 18 de outubro de 2017:

Observei a brincadeira de dois alunos que já são figuras icônicas da lutinha na escola, todo dia brincam de lutinha, Vitor Gabriel e Laércio. A brincadeira acontecia nos moldes de relatos anteriores, porém com menos participantes dessa vez, apenas os dois. Os alunos se enfrentam, fazem gestos de lutas como kung fu, e logo após partem para o combate, Laércio é o maior dos estudantes que brincam de lutinha e segundo ele faz judô e é faixa cinza. Ele utiliza isso para vencer constantemente seu oponente de lutinha, aplica sempre um ou dois golpes do judô e depois imobiliza, no entanto, Vitor Gabriel também consegue imobilizá-lo algumas vezes, mesmo sendo menor.

Mais tarde vi dois alunos brincando de lutinha, Bruno (nunca tinha visto brincando de lutinha) e Ricardo (já tinha visto-o brincando de lutinha). A brincadeira deles consistia em um agarra agarra, puxando o colega e tentando leva-lo ao solo. Conversando com eles soube que Bruno faz capoeira há um ano e seus pais acham

legal a ideia de fazer uma luta. Ricardo diz que luta por lutar, não soube expressar seu gosto ela mesma, mas disse que faz três modalidades de lutas na academia onde treina, judô (faixa cinza), MMA e capoeira. Estes foram os episódios deste dia.

Terça Feira, dia 24 de Outubro de 2017:

Cheguei em horário normal à escola. Os alunos estavam bem calmos neste dia, não houveram situações que chamaram minha atenção e que valessem o registro, apenas mais do mesmo. O futebol dos meninos aconteceu de maneira normal mesmo com Rafael, Tales e Gabriel jogando, não observei contendas que valessem o registro durante todo o jogo de futebol. No entanto neste dia durante o Pibid, Rafael como em situações anteriores causou diversos desentendimentos durante a aula de Corda, por diversas vezes com meninas. Rafael, não demonstra bloqueio nenhum em se opor a qualquer pessoas, seja professor, colega menino ou menina exceto com uns dois alunos (Tales e Gabriel) que ele parece respeitar e ter um certo receio de se desentender, estes alunos moram em cidades satélites e seus referenciais são um reflexo claro da realidade em que vivem, cercada por diversas coisas boas, porém também cercada pela criminalidade, drogas e brigas. Durante a aula Gabriel brigou com Letícia por conta da Fila, ele havia perdido durante a brincadeira de corda, o combinado é que deveria-se ir até o fim da fila e Rafael queria pegar o que eles chamam de “traseirinha”, ficando à frente daquele que estava exatamente após o primeiro da fila, neste caso, Letícia. Todos que estavam na fila questionaram o comportamento de Rafael, dizendo-lhe para se movimentar para o fim da Fila, Letícia ficou calada pois em alguns momentos aparenta ter bastante receio das atitudes de Rafael, já que atitudes de escárnio e trapaça dele para com Letícia são extremamente comuns. Não havia feito este relato antes pois sempre se encerrava rápido e não culminava em uma briga.

Após entrar na frente de Letícia, Rafael disse que não sairia e que havia recebido “traseirinha” do colega à frente e que já era. Iria ficar ali. Letícia então se estressou e começou a pressionar Rafael, chegando cada vez mais pra frente, em resposta Rafael sem pensar ou considerar o fato de Letícia ser menina, desferiu uma baita cotovelada em sua barriga, Letícia deu a tréplica o empurrando mais forte e seguiu-se nesse efeito sanfona, até que todos os outros colegas questionaram Rafael e disseram para que fosse para o fim da Fila, Rafael foi, porém contrariado. Atitudes assim de Rafael são extremamente comuns e todos os dias acontecem. Ainda durante esta aula Rafael também brigou com Sophia, outra menina de composição corporal vantajosa e considerada “nerd” pelos colegas e até por si. Rafael a xingou de algo e ameaçou agredi-la de alguma forma, ela sem pensar duas vezes foi logo se dirigindo à direção para relatar o acontecido. Rafael sempre fica ressabiado quando alguém vai a direção queixar-se desse, tentando mudar seu comportamento imediatamente e justificando-se para quem está perto, buscando testemunhas que atestem sua fala.

Quarta Feira, 25 de Outubro de 2017:

Neste dia houve uma briga declarada e que pareceu bem grave, entre Yuri e Kauan, não consegui investigar o porquê da briga mas aparentemente aconteceu também no futebol organizado por eles próprios, Yuri queixou-se de ter levado uma

“banda” de Kauan, o qual confirmou e disse que daria outra se continuasse falando demais, já que ambos levaram esta briga para dentro da sala a professora achou por bem intervir já que ele não estavam conseguindo se resolver de maneira autônoma como propõe a escola. A professora disse que eles deveriam para de olhar um para o outro durante um dia, já que estavam com tanto ódio um do outro.

Ainda neste dia o aluno Thiago, um dos mais problemáticos da escola e diagnosticado com TOD (Transtorno opositor desafiador) sentiu-se confortável para relatar algumas experiências de vida comigo. Disse que mora no Varjão, que já foi ao carnaval com seu pai, onde tem várias brigas e todos os recebem bem pois conhece muita gente do Varjão. Relatou ainda a época em que seu pai foi preso por 5 anos, que a comida lá é de graça e que as visitas eram todas de branco.

Terça Feira, dia 31 de outubro de 2017:

Hoje foi um dia bem agitado na escola, cheguei por volta das 15h, um pouco atrasada, pouco demorou e as crianças já estavam a brincar em seu amado intervalo. Fui logo fazer minhas observações no espaço e tempo hegemônico de brincadeiras de lulinha, o playground e futebol na parte externa, durante o recreio. No entanto, nada demais aconteceu durante toda o período do recreio, seja no futebol, seja no playground, foquei-me mais no futebol, já que todos os alunos de episódios anteriores estava m brincando, tornando a possibilidade de uma briga acontecer, muito alta. O intervalo chegou ao seu fim e nada demais aconteceu.

Chegou a hora do PIBID e todos os alunos estavam empolgadíssimos para fazê-la, contudo, o dia de hoje era um tanto diferenciado já que os alunos escolhiam, de maneira democrática, a atividade que desejavam desempenhar, sendo avaliados no dia de hoje. A avaliação consistiria em analisar a aula de maneira qualitativa e baseada em indicadores, sendo: cooperação, empatia, não evasão das aulas, contabilização de desentendimentos e não depreciação das feições e capacidades físicas do colega de sala. A primeira turma foi a Violeta, o jogo correu bem durante grande parte, sendo algo relevante durante uma partida de queimada maluca o comportamento do aluno Rafael, que ao ser queimado por um colega foi tomado por um ódio sem tamanho e vontade de descontar aquela bolada, sem pensar em seus colegas e no jogo em si. Rafael apresenta um comportamento muito agressivo, praticamente todos os dias em que estive na escola Rafael estava envolvido em algum desentendimento ou mesmo brigas, diversas vezes! Hoje não foi diferente durante o jogo...

Tirando estas pequenas inconveniências durante o jogo, tudo correu relativamente, ainda mais se tratando da turma que tem se mostrado a mais problemática das três em que ministro aulas. Após o término da aula, todos os alunos reuniram-se e mostraram-se empenhados em ouvir minha reflexão final sobre as aulas escutando também o posicionamento dos alunos. No entanto após um minuto de fala, duas alunas, Luana e Letícia, estavam debochando uma da outra por algum motivo, uma imitando a outra. Luana, a qual parecia estar estressada desde a metade do jogo pelo fato de o Rafael não passar a bola para ninguém, perguntou se Letícia estava doida, foi para cima dela e desferiu um chute forte em uma de suas pernas, Letícia com feição de choro ficou em seu lugar, porém logo em seguida foi

em direção à Luana para atingir um tapa na mesma, Luana ficou ainda com mais raiva e queria continuar a briga, até que uma amiga de Luana, Natália, chegou bradando que Letícia não iria triscar um dedo em Luana, como olhar e posturas ameaçadoras. Após este episódio todos os alunos foram até o desentendimento com vista a acalmar os ânimos e parar aquela briga generalizada que a prestes se iniciara. Após este momento, Letícia dirigiu-se à direção e toda a turma foi para sala, levando grande bronca da professora e ficando sem Pibid na semana subsequente.

Por fim, a turma violeta encerrou sua avaliação com 4 desentendimentos durante a aula, sendo um destes o maior, envolvendo chutes e tapas na reflexão final. Os desentendimentos envolveram os alunos: Adrielly, Luana, Letícia, Teodoro e Guilherme. Houveram duas evasões durante a aula, uma do Erick, em virtude de cansaço (trata-se de um aluno obeso). Houveram alguns palavrões. Não houve depreciação do colega, no entanto a empatia e cooperação não foram ótimas, foram boas.

Na turma verde tudo correu da melhor maneira possível, sem nenhum desentendimento entre os alunos, sem nenhuma atitude depreciativa ou evasão da brincadeira. Turma excelente no dia de hoje.

Terça Feira, 07 de Novembro de 2017:

Cheguei à escola por volta de 14:30 e fui planejar minhas atividades e organizar os matérias para a aula que aconteceria para a sala verde. A atividade seria o volençol. Organizei tudo, no entanto fui impedido por uma chuva muito forte. Acompanhei novamente o futebol dos meninos, pois é onde todos aqueles que brincam de lutinha ou estão nos episódios recorrentes de brigas nas terças à tarde, se encontram. A diretora Marta disse aos alunos que não daria a bola para eles jogarem, que a mesma havia sumido. Eles ficaram muitíssimo indignados e expressando toda essa revolta sentados em cima dos golzinhos do lado de fora da escola, em baixo das árvores. Após algum tempo, e vendo que a situação da bola não seria facilmente resolvida, eles (meninos do futebol: Gabriel, Bernardo, Vitor, Alex) foram fazer outra coisa recorrente na escola, a perturbação às meninas, para que estas corram atrás deles e batam neles. A escola, possui uma árvore popularmente chamada como saboneteira, a qual possui pequenos frutos e uma semente preta e muito rígida. Os meninos do futebol juntaram muitas dessas, já que elas estão espalhadas por todo o gramado externo da escola, e foram todos juntos irritar as meninas, arremessando nelas estas pequenas bolinhas, as meninas em reposta corriam atrás e desferiam diversos tapas, bem fortes, nos meninos. Estes aparentavam estar acostumados com os tapas, e até mesmo sentir prazer naquilo, pois os sorrisos eram os maiores de todo o intervalo.

Após algum tempo a vice diretora, Renata, a qual já foi citada aqui vendo alunos brincando de lutinhas e apenas dar um sorriso em resposta, foi até uma loja de artigos esportivos comprar bolas para os meninos jogarem, compraram 2 bolas de futsal e 2 de vôlei. Os alunos jogaram seu futebol, até mesmo com um acréscimo de tempo em seu recreio pelo fato de terem ficado “muito tempo parados esperando uma bola pra jogar, sem brincar”. Durante a brincadeira é notório ver o nível de exaltação que os alunos atingem e por coisas bobas, como uma falta que aconteceu

e o time contrário não concorda. Houve um episódio de briga durante a brincadeira, entre Bernardo e Alex pois houve uma falta e Alex continuou correndo e jogando, não ligando para o que tinha acontecido. Bernardo caminhou rapidamente em direção a Alex a fim de mostrar no corpo de Alex o que tinha acontecido, ao Bernardo triscar a mão em Alex, este imediatamente retirou-a, com força o que quase resultou em uma briga, os dois se encararam por algum tempo, em uma atitude de claro enfrentamento, no entanto essa contendo não perdurou, acabou ali mesmo, porém com uma pequena disputa entre os dois durante a partida. Estes foram os episódios válidos de se relatar acontecidos hoje.

Quarta Feira, 08 de Novembro de 2017:

Cheguei à escola por volta de 8:30, deixei minhas coisas na sala e fui logo para o Pátio observar, ainda que não fosse horário de intervalo. Tratou-se de um dia extremamente atípico comparado a todo o período de aulas até aqui, em que houveram pouquíssimas chuvas. Pela noite choveu bastante na Asa Norte e por esse motivo o campo de voleiçol que havia sido montado no dia anterior e que já havia sido devastado pela chuva, havia ficado ainda pior. Havia galhos de arvore para todos lado, lama para todo lado, folha para todo lado, prezando pela segurança física e emocional dos alunos, por mais que eles quisessem ter a aula na lama e em meio a vários galhos de árvore caídos, optei por adaptarmos a brincadeira com a cerca da escola, dividindo um grupo que ficava dentro e outro que ficava fora da escola.

Na hora do recreio devido à essa chuva, os alunos ficaram limitados ao espaço interno da escola e todos os meninos do futebol, montaram os golzinhos no piso verde e foram brincar, eram muitos, muitos meninos correndo atrás da bola em um espaço muito pequeno. Observei por um bom tempo e depois decidi ir até o playground, local em que as brincadeiras de lutinha mais acontecem, não consegui ver todos os alunos acostumados a brincar de lutinha, e todos estavam numa brincadeira de perseguição muito comum entre eles e que sempre há um elemento lúdico agressivo para com aqueles que são “presos” e as meninas batem nos meninos. Depois questionei alunos que estavam brincando de algo que parecia lutinha e eles disseram que estavam brincando de “Vingadores”, trata-se de super-heróis da produtora Marvel. Neste momento de playground vi um menino e uma menina que brincavam de pique e pega, no entanto, ao invés de apenas tocar o colega era concretizar o objetivo do jogo, ambos trocavam tapas, cada vez mais forte, mas não pareciam estar brigando, na verdade estavam excitadíssimos com a brincadeira. Após observar estes episódios, o recreio chegou ao fim e fui ajudando os outros professores a fazer com que os alunos voltassem para sala. Ao chegar próximo aos bancos em que há alguns episódios atrás foi registrado Caio e Dagoberto brincando de lutinha. Lá haviam três alunos brincando literalmente de lutinhas, socos simulados, onomatopeias, chutes, pernas mobilizadas e etc. parecia a representação de algo já visto. Foi quando percebi que se tratava de luta livre, o WWE sendo mais específico. Dessa maneira fiz minha abordagem com um sorriso muito convidativo no rosto e questionando sobre que brincadeira era aquela que eles estavam realizando, e eles prontamente responderam o nome da franquia

supracitada. Todos os gestos realizados pelos aluno aconteceram de maneira fluida como se conhecesse bem aquilo que estava fazendo, inclusive cada um relatando o personagem que mais gostavam. Infelizmente não consegui coletar o nome dos meninos, pelo fato de eles já estarem muito atrasados para a aula. Ainda mais que se tratava de uma aula de pesquisa, em que as turmas se uniram para fazer um trabalho sobre uma região administrativa do DF, sendo bastante cobrados por isso. Estes foram os episódios vistos e válidos de se relatar no dia de hoje.

Terça feira, 14 de novembro de 2017:

Tratava-se de um dia normal até o momento, em que eu ministraria uma aula de capoeira para os alunos, tendo em vista a proximidade com o dia da consciência negra, até que recebi uma mensagem da coordenadora dizendo que haveria um passeio ao zoológico de Brasília e que precisava que eu fosse, pois seriam muitos alunos e poderiam precisar de ajuda. Me prontifiquei e fui, cheguei à escola por volta de 13:40 e já fui para o ônibus. Apenas duas ou três turmas do primeiro ciclo estavam presentes no passeio, o restante da escola iriam em outros dias. Tratou-se de um dia extremamente normal, com os alunos se comportando normalmente e vislumbrados com tudo que envolvia a aquele espaço, os animais, a vegetação, os guias. O único episódio lúdico agressivo que pude notar no passeio, foram dois alunos que estavam brincando aparentemente de se chutar, ficaram assim por algum tempo até que um deles além de um chute acertou também um soco no nariz do colega. Esse que tomou o soco parecia “estar enchendo o saco” do outro, no entanto tudo parecia ser brincadeira até que este desferiu o soco. Ao ver o aluno socado chorar, este aluno logo tomou outra postura, como se tivesse apenas se defendido do colega, até mesmo chamando outros amigos para testarem sua versão:

Deu o soco: Eu estava aqui quietinho e ele veio chutando, não foi?

Amigos: Foi professora, a gente viu, foi ele que começou...

A professora tentou intermediar a situação, fazendo um discurso já conhecido de que haveria outras formas para se resolver isso. O garoto que levou o soco continuou a chorar por um bom tempo e não queria conversar com ninguém. Não pude perceber se eles voltaram a se falar normalmente logo após o episódio.

Terça feira, 21 de novembro de 2017:

Cheguei à escola um tanto atrasado neste dia, pois tive problemas com a inscrição no Enade 2017 e precisei ficar na faculdade resolvendo, avisei e cheguei por volta de 14:30. Neste dia, acompanhei diversos espaços da escola, porém apenas presenciei uma briga, com a mesma galera do futebol. O jogo acontecia normalmente sem tantos conflitos até o momento, até que Luis Davi errou um gol na “cara”, todos do time reclamaram, foram em cima dele gritando, porém Bernardo achou-se no direito de bater em Luis, dando-lhe um tapa bem forte na nuca. Luis ficou cm muita raiva por ter recebido o tapa e seguiu atrás de Bernardo dando socos e chutes, todos muito fortes e seguidos de palavrões. Bernardo, seguia fugindo dos golpes e dando risada, no entanto Luis estava muito sério. Logo depois Bernardo se aproximou amigavelmente puxando um assunto do jogo, como se quisesse reconciliar. Luis Davi foi receptivo e aparentou esquecer a situação.

Ainda neste dia, ministrei uma aula de capoeira no PIBID em que todos os alunos fizeram. Ao perguntar na sala quem já havia tido contato com essa luta, vi que na turma violeta haviam vários que nunca tiveram contato com a capoeira. Na sala verde, todos os alunos já tinham feito ou tido algum contato com a prática de capoeira, é algo comum na escola. Inclusive porque a escola tem aulas noturnas de capoeira ministradas para a comunidade. Durante a aula, os alunos demonstraram vontade e ânsia por aprender logo a fazer os golpes e a ginga, não demonstrando aversão à prática e confirmando o seu gosto pela capoeira, e alguns rostos já conhecidos e retratados, pela luta. O que mais me surpreendeu neste dia e é o ponto máximo o relato, foi a participação de uma das professoras na aula, a vice diretora Renata. Ela fez capoeira por anos e demonstrou muita afinidade com a prática deixando clara a qualidade técnica, a malandragem o ritmo e todos os outros elementos que compõem o jogo de capoeira. Saber que a vice diretora conhece tão bem uma luta me fez um link com dois relatos anteriores, em que a mesma viu alunos brincando de lutinha, apenas olhou e deu risada, como se compreendesse a brincadeira de lutinha como algo positivo para as crianças.

Quarta feira, 22 de novembro de 2017:

Cheguei à escola por volta das 9h, dirigi-me até a sala de coordenação pedagógica, local em que os pibidianos sempre ficam, deixei minha bolsa e fui para o pátio onde estavam as colegas pibidianas, assistindo uma aula de capoeira ministrada por um professor convidado. A escola toda está em clima de consciência negra, todos muito engajados com as apresentações que acontecerão dia 25 na festa das africanidades. A aula de capoeira foi ministrada apenas para os alunos 2 turmas do 1 ciclo. E a turma verde e a turma especial hoje tiveram aula de capoeira no Pibid, o que pude perceber é que grande parte da turma já havia feito ou ao menos tido algum contato com a capoeira. Os alunos especiais participaram das aulas à maneira deles, as vezes bem engajados, as vezes mais dispersos, no entanto sempre incluídos nas práticas. A prática de capoeira foi legal para os alunos, e o único episódio de brincadeiras lúdico agressivas válidas de se ressaltar foi o aluno Laercio, que estava conduzindo um aluno “algemado” com uma arma de brinquedo na cabeça para um determinado lugar. Depois fui perguntar ao Laércio do que se tratava a brincadeira, ele respondeu que era polícia e ladrão: perguntei para ele qual dos dois ele era. Ele respondeu que era bandido, perguntei o porquê e ele respondeu que era porque os bandidos fogem e perseguem e policial é chato. Logo após esse relato se foi, correndo para aproveitar o finalzinho do recreio.

Terça feira, 28 de novembro de 2017:

Tratou-se de um dia normal na escola, percebi que nessa etapa final de ano letivo, muitos alunos menores começam a faltar e os maiores vem em maior quantidade, talvez por vontade de passar de série agora no fim do ano. Em momentos de pátio, idas ao banheiro e pibid não observei episódio de brincadeira de luta, apenas no recreio pude observar algo semelhante, durante o futebol em baixo das árvores. Os alunos convidaram-me a jogar com eles, decidi entrar afim de compreender a lógica interna do jogo que mais gera brigas entre os alunos. Entrei e todos os alunos classificados nas brigas estavam jogando. A logica deles é muito

simples, entrou duro, vai levar entrada dura também, xingou vai ser xingado também, xingou a mãe, nós vamos resolver isso “na mão”. Neste dia em específico, o aluno Rafael, envolvido em praticamente todas as brigas relatadas neste diário de campo não estava presente, talvez por este motivo, não houve nenhuma briga neste dia, apenas alguns encontros corporais fortes e algumas disputas verbais. Apesar de que, quando o Rafael está presente no futebol, ele se mantém meio recuado, em outros ambientes ele se mostra um brigão de maneira bem mais aparente. Talvez seja pelo fato dos meninos que jogam bola serem maiores ou do mesmo tamanho dele, talvez seja pelo fato de a maioria dos meninos que jogam bola virem de cidades satélites, talvez seja pela forma que os meninos do futebol falam, impõem respeito e não mostram medo nenhum de entrar em disputa corporal com qualquer um.

Quarta feira, 29 de novembro de 2017:

Cheguei à escola bem cedo e tratava-se de um dia um pouco chuvoso. Neste dia, a escola estava bem vazia em virtude de um passeio que os alunos das turmas vermelha, amarela e laranja fizeram para o jardim zoológico, apenas a turma branca estava na escola. Percebi neste dia, que vários alunos da lutinha de fato são da mesma turma, a branca, (Kaliel, Danilo, Pedro Felipe, 2 alunos do WWE (manhã). Neste dia, conversei com dois alunos que são considerados situação problema na escola, Thiago, Kauan e Renilson quem moram em Varjão, Paranoá e Planaltina, respectivamente. Na conversa com Thiago questionei se o Varjão era um lugar perigoso, o mesmo me disse que uma mulher havia se suicidado uma semana antes na rua onde ele mora, questionei como ele sabia que ela havia se matado, ele disse que foi lá ver, e ao chegar na casa viu uma mulher como o pano branco em cima e uma corda saindo dele, e que a causa foram drogas. Ele disse que lá é assim, que uma hora tá tudo calmo e depois fica violento. Disse que algumas poucas semanas atrás um cara havia morrido de tiro também por causa de droga, esse ele disse que não viu, mas ouviu e todos estavam comentando. Disse ainda que os caras traficantes mandam lá, que é maior doido. Disse a ele que nesse caminho do crime só haviam duas alternativas, ou morte ou cadeia. A resposta de Thiago foi, então eu preferia ser preso. Ou seja, Thiago não conseguiu perceber outras opções que não fosse aquelas duas. Disse a ele que o importante era seguir a vida dele estudando, entrar numa faculdade e ir trabalhar, ele se mostrou desgostoso da conversa e pouco depois saiu. Kauan ficou apenas observando o diálogo e só colaborava com “é mesmo”, “é” “é verdade”. Renilson chegou logo no fim e mostrou-se não tão interessado no assunto. Thiago e Renilson são grandes amigos. Esta foi a experiência lúdico agressiva do dia, não tratou-se de briga ou brincadeira, mas de diálogo.

Terça Feira, 5 Dezembro de 2017:

A escola está cada vez mais mais vazia, mais parada, os alunos que fazem as brincadeiras de lutinho têm faltado, logo surge a dificuldade de observar as brincadeiras, afinal, em todos os relatos dos anos ainda não tivemos episódios de alunos brincando de lutinha sozinhos.

Quarta Feira, 6 de Dezembro de 2017:

Bem como no relato anterior, a escola está ainda mais vazia e episódios de lutinha não estão sendo mais observados com frequência, muitos alunos têm faltado. A única coisa que me chamou atenção neste dia foi um fato trazido a meu conhecimento sobre o atropelamento de um aluno, Thiago. Trata-se de um aluno considerado por todos como problemático e colocado na necessidade especial TOD, transtorno opositivo desafiador, em que a criança tem dificuldades em aceitar comandos e seguir regras. O relato trazido a mim, foi o de que Thiago estava andando de mobilete no Varjão, onde mora, e uma outra moto passou por cima dele em um cruzamento, Thiago foi levado ao hospital com o joelho “aberto” e muita dor. Tomei este dia para observar o pequeno futebol dos alunos da manhã, segundo ciclo. Não há brigas, eles se organizam bem e a lógica interna não se assemelha em quase nada com a dos alunos da tarde, caracterizados por brigarem em todo jogo de futebol.

Talvez este seja o último relato antes da festa de encerramento que ocorrerá sexta dia 15. Foi um semestre de muito aprendizado e espero que os dados coletados gerem uma boa análise e uma ótima pesquisa.